



Custo por hectare em Mogi Guaçu - mil R\$/ha



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

TOMATE

GESTÃO SUSTENTÁVEL:

Custo para se produzir um hectare de tomate
ultrapassa R\$ 100 mil

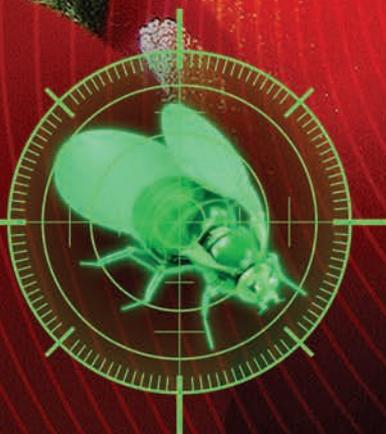
CHEGOU VOLIAM TARGO: PRECISO NO CONTROLE DAS PRINCIPAIS PRAGAS DO TOMATE.

- Alta potência de controle.
- Proteção das folhas e frutos.
- Manejo de resistência.
- Conveniência.

micgarrybooven



MOSCA-MINADORA



Produto em fase de cadastro no Paraná.
Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

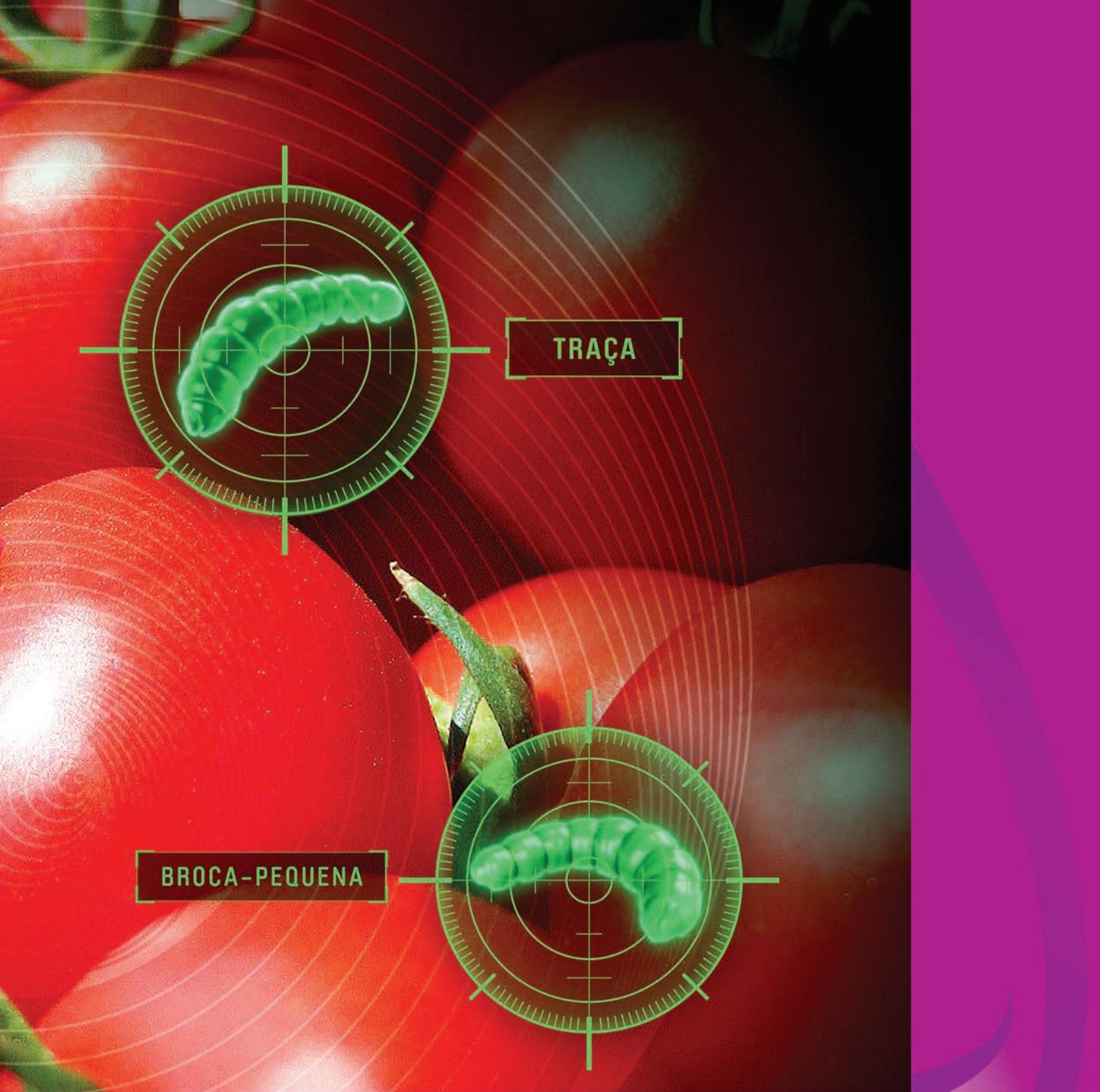
ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br



TRAÇA



BROCA-PEQUENA



Voliam Targo®

syngenta.

CURSOS
RÁPIDOS
PECEGE

OFICINA DE
GESTÃO DE CUSTOS DA
CADEIA CITRÍCOLA

INSCREVA-SE EM
PECEGE.ORG.BR

f cursosrapidospecege

☎ (19) 3377.0937 | (19) 3375.4251

☎ (19) 99948.4769

EDITORIAL

PRODUZIR TOMATE ACIMA DE R\$ 100 MIL É VIÁVEL?



João Paulo Deleo (à dir.), é o autor deste Especial Tomate e contou com a colaboração de Guilherme Paranhos (à esq.) e Jair de Souza.

O custo de R\$ 100 mil por hectare – ou de R\$ 25,00 a R\$ 30/caixa de 23 kg, a depender da região e da produtividade – é um patamar bastante elevado ao agricultor. A indagação, após a apuração dos custos de produção feita pela **Hortifruti Brasil**, é se a cultura seria viável diante desse valor. A resposta depende, além da gestão do tomaticultor, do quanto a cadeia poderá remunerar o setor produtivo.

A conjuntura econômica atual, contudo, tem reduzido o poder de compra de consumidores brasileiros. No varejo paulista, o tomate foi comercializado, em maio, a R\$ 5,12/kg (segundo o IEA, Instituto de Economia Agrícola), o que corresponde a cerca de R\$ 120,00/cx. Produzir a R\$ 25 e vender a R\$ 120,00 é, sem dúvida, um bom negócio. Mas, entre o produtor e o consumidor há toda uma cadeia – intermediação e varejo – que captura boa parte dessa renda. Em tempos de crise econômica, é importante observar não só o custo de produção agrícola, mas avaliar também a eficiência da cadeia como um todo, da produção até o consumo final. Por isso, é imprescindível observar como essa margem de “R\$ 95,00/cx” está sendo distribuída dentro da cadeia e se ela remunera adequadamente todos os agentes. Além disso, é preciso saber quais ganhos de eficiência que essa margem ainda permite para que a rentabilidade de todos os agentes participantes melhore.

Numa breve análise dos dados de preços ao produtor, ao atacado (Hortifruti/Cepea) e no varejo paulista (IEA), observa-se que, no acumulado de janeiro a maio de 2016, a participação do preço final do varejo foi distribuída na cadeia da seguinte forma: 23% ficaram com o produtor, 5%, com o atacado e 73%, para o varejo. Em 2016, o produtor perdeu espaço na participação do preço final frente a 2014 e 2015. A participação do produtor no preço final (2014 e 2015) era de 28% ao produtor e o restante era distribuído para o atacado (6%) e varejo (66%).

Essa simples conta mostra que o bolso mais apertado do consumidor, aliado a uma maior produtividade nas lavouras observada em 2016, diminuíram a margem de comercialização do produtor. Esse contexto foi observado não só pela menor participação no preço final, mas, também, por conta dos custos em ascensão. O alerta da **Hortifruti Brasil** é: muito cuidado com a gestão da tomaticultura!

Em agenda farta, três dias são MAIS que produtivos.

JUNHO 2016

Domingo	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
			01 	02 	03 	04 
05 	06 	07 	08 	09 	10 	11 
12 	13 	14 	15 	16 	17 	18 
19 	20 	21 	<p>Venha nos visitar na HORTITEC 2016. Estande nº48, setor Azul.</p>			25 
26 	27 	28 	29 	30 		

Projeto
mais 
Modelo
Agrícola
de Inovação
Sustentável

Nos dias 22, 23 e 24 de junho a Seminis estará na 23ª Hortitec em Holambra/SP e convida você a visitar seu estande repleto de lançamentos. Aproveite, confira também o Projeto MAIS e saiba como as novidades desse ano podem ajudar no aumento da produtividade em seu cultivo protegido.

Mais informações: www.projetomais.agr.br

 **Seminis**
em um Clique
www.seminis.com.br

 **Seminis**

Abandonar ou persistir na citricultura?



Se os preços continuarem altos por mais de uma safra, acredito que é possível se manter na citricultura. Como em nossa região os níveis de HLB (*greening*) são muito baixos, não existe tanta preocupação com a doença, mas, se fossem iguais aos das regiões como a central, paulista, já teria desistido da citricultura.

Pedro Luiz Iannini – Buri/SP

No curto prazo, a safra de laranja continuará caindo por conta da redução de plantas

adultas produtivas e da drástica diminuição de novas mudas no campo.

César Graf – Araras/SP

Pomares de laranja que tiveram baixo investimento nos últimos anos deverão demorar dois ou três anos para retomar os altos patamares de produtividade e, com isso, o produtor poderá não aproveitar toda a alta. Num cenário conjuntural, ainda vivemos em um momento difícil. O suco está caro para o consumidor e a caixa de laranja ainda não

CAPA 10



Os custos de produção de tomate sobem a cada ano, cenário não diferente em 2016. Neste ano, o grande vilão dos custos na tomaticultura é o dólar.

FÓRUM 38

Vanderlei Cesconetti, o entrevistado desta edição, sugere algumas alternativas para se manter viável na tomaticultura diante do aumento dos custos de produção.

HF BRASIL NA REDE



Hf www.hfbrasil.org.br
19 99107.4710
Hortifruti Brasil
@revistahortifrutibrasil
@hfbrasil

SEÇÕES

TOMATE		24
BATATA		26
CEBOLA		27
CENOURA		28
FOLHOSAS		29
MELÃO		30
MAÇÃ		31
CITROS		32
UVA		33
MELANCIA		34
BANANA		35
MAMÃO		36
MANGA		37

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA-Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica: Margarete Boteon

Editores Econômicos:

João Paulo Bernardes Delele, Renata Pozelli Sabio, Leticia Julião e Larissa Gui Pagliuca

Editora Executiva:

Daiana Braga MTb: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável:

Ana Paula Silva Ponchio MTb: 27.368

Revisão:

Daiana Braga, Alessandra da Paz, Bruna Sampaio, Caroline Ribeiro, Paulo Palma Beraldo e Nádia Zanirato

Equipe Técnica:

Ana Clara Souza Rocha, Carolina Camargo Nogueira Sales, Fernanda Geraldini Palmieri, Guilherme Giordano Paranhos, Isabela Costa, Jair de Souza Brito Junior, Jessie Yukari Nagai, Lenise Andresa Molena, Lucas Conceição Araújo, Marcelo Belchior Rosendo da Silva, Mariana Coutinho Silva, Marina Marangon Moreira e Mariana Santos Camargo.

Apoio:

FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:

Guia Rio Claro.Com Ltda
enfaserioclaro@gmail.com

Impressão:

www.graficamundo.com.br

Contato:

Av. Centenário, 1080
Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808
Fax: 19 3429-8829
hfcepea@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)

ou para: hfcepea@usp.br

está no patamar que o produtor gostaria. Os custos de produção cresceram muito, em especial com mão de obra e manejo do HLB (*greening*). Precisamos buscar uma forma de reduzir o custo.

Leandro Cezar Teixeira – Maringá/PR

Acredito que seja possível tocar a citricultura desde que haja um bom uso dos maiores preços deste ano. Nos curto e médio prazos, a valorização da laranja será ainda maior, devido à menor oferta – como muitos citricultores abandonaram a cultura, não haverá aumento da oferta tão cedo. É necessário um aporte em novas tecnologias e inovação no trato cultural da laranja.

Danylo Angelo Nogueira Rodrigues – São Miguel Arcanjo/SP

Seguir na citricultura dependerá das condições do pomar, como idade, pragas etc. No curto e médio prazos, os preços tendem a ser elevados, porque não se faz um laranjal da noite para o dia. O caminho é focar no mercado *in natura* para quem está na citricultura. Hoje, o maior desafio com certeza é o HLB (*greening*). A alternativa é aumentar a produtividade para aproveitar o bom momento de preços.

José Mateus Camargo – Tatuí/SP

Está sendo finalizado o conselho da citricultura e isso deve mudar o antigo cenário da cadeia produtiva. É necessário urgentemente uma melhor divulgação do suco de laranja em todos os mercados, inclusão de 100% do suco de laranja na merenda do ensino público, redução de impostos, entre outros.

Omero Pessoa – Rio Claro/SP

Para o produtor que fechou contrato com a indústria perto de US\$ 5,00, com certeza a remuneração está melhor neste ano. É preciso que cada vez mais as indústrias reconheçam que os valores por caixa devem estar em patamares que proporcionem ganhos ao citricultor e permitam que estes continuem na atividade. Para se manter na citricultura, são necessárias “receitas” que permitam o produtor conviver com os custos de manejo tanto de HLB (*greening*) quanto de cancro cítrico.

Paulo Celso Biasioli – Limeira/SP

Se o produtor negociar sua fruta no mercado interno nos atuais valores, estes estão remuneradores. Se os produtores não se “cooperatizarem”, nunca conseguirão quebrar o oligopólio no comércio mundial de suco de laranja.

Giacomo Fasanella Neto – Itu/SP

Hortifruti Brasil no WhatsApp



A **Hortifruti Brasil** agora está no WhatsApp! Neste aplicativo, você pode entrar em contato conosco e também nos enviar fotos para publicarmos na revista! Para isso, basta nos enviar fotos de sua produção, nome e região!

Veja o que nossos leitores nos enviaram!

19 **99107.4710** ✓✓

Everton Kremer – Feliz (RS)



Ednaldo Marcos da Silva – Tejuapá (SP)



Márcio Backes – Lucena (RS)



Pesquisadores levantam custo de produção de tomate em Caçador



Nos dias 5 e 6 de maio, João Paulo Deleo e Renata Pozelli se reuniram com produtores de tomate de Caçador (SC) para levantar os custos de produção. Os resultados de Caçador, além dos de Mogi Guaçu (SP), estão neste Especial Tomate (páginas 13 à 19).



Pesquisadora dá palestra em Venda Nova do Imigrante

No dia 24 de maio, a pesquisadora do Cepea Renata Pozelli esteve em Venda Nova do Imigrante (ES) para proferir a palestra "Perspectivas de Mercado de Tomate". O evento foi realizado em parceria com a Seminis e contou com a presença de representantes de revendas da região. Renata também aproveitou para visitar algumas lavouras de tomate da região.

Equipe de manga visita pomar em Taquaritinga

A convite do consultor Luis Carlos Giroto de Almeida, da Agrotécnica Matão, a equipe de manga do Hortifruti/Cepea Larissa Pagliuca, Ana Clara Rocha e Rogério Bosqueiro visitou, no dia 30 de maio, a fazenda do produtor de manga Emerson Dias Pinheiro em Taquaritinga (SP).



Equipe Citros participa de evento em SP

Também no dia 24, aconteceu o "Seminário Citricultura em Análise", promovido pela Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo (Faesp), em São Paulo. A Equipe Citros/Cepea esteve presente no evento, e a pesquisadora Margarete Boteon ministrou palestra "Análise do custo de produção na citricultura paulista".



O SUCESSO DA SUA LAVOURA ESTÁ DEPENDENDO DA SORTE?

Agricultura não é jogo de azar e a Alltech Crop Science tem as soluções para você ganhar mais produtividade, uniformidade e qualidade.



SOMOS INSPIRADOS
POR **NOSSA TERRA**.
PRINCIPALMENTE POR
QUEM VIVE DELA.

#tamojunto2016

HORTITEC / OPEN FIELD DAY

Visite nosso estande na **Hortitec 2016** e aproveite para conhecer o **Open Field Day** que será realizado a 8km de Holambra/SP.

O **Open Field Day** é uma oportunidade única para você conhecer os lançamentos e principais produtos das nossas linhas de sementes de hortaliças diretamente no campo.

AGRISTAR

CONFIANÇA NO AMANHÃ

HORTITEC

- Data: 22 a 24 de junho
- Horário: 9h às 19h
- Local: Holambra SP - Setor Azul / Estande 24



- Data: 22 a 24 de junho
- Horário: 7h às 16h
- Local: Estação Experimental

SP 340, km 147.2
(Sentido Mogi Mirim/Campinas)
Santo Antônio de Posse/SP

Acesse a página do evento e faça o seu cadastro: www.agristar.com.br/ofd2016

Conheça nossos principais lançamentos.



Tomate Santyno FI



Feijão-de-vagem
Versalhes



Pimentão Kolima FI



Rúcula Mirella



Alface Americana
Tiffany

LINHAS:



ESPECIAL TOMATE:

CUSTO PARA SE PRODUZIR UM HE



Dólar elevado, aumento da energia, alta da taxa de juros e clima desfavorável alavancaram os custos de produção de tomate nos últimos anos. Cálculos da Hortifruti/Cepea indicam que, para se produzir um hectare de tomate de mesa, o gasto já ultrapassa os R\$ 100 mil em algumas regiões. Poucas culturas apresentam dispêndio tão elevado, mesmo dentre os hortifrutis.

Em Caçador (SC), o custo de produção da safra de verão 2015/16 de tomaticultores de pequena escala foi de R\$ 100.040,69/hectare, enquanto para os produtores de grande escala foi de R\$ 105.525,34/ha. Em Mogi Guaçu (SP), o dispêndio foi estimado em R\$ 106.655,41/ha – neste caso, o valor é preliminar, já que a safra ainda está em andamento. Apesar do maior custo em Mogi Guaçu, o aumento foi menor que em Caçador. Isso porque a região paulista já havia absorvido parte da alta na temporada de 2015, enquanto produtores da praça catarinense contabilizaram o elevado custo na safra 2015/16.

Apesar de o Hortifruti/Cepea não ter mensurado os custos em outras praças, tudo indica que a alta ocorreu na mesma intensidade. Na safra de verão 2015/16, tomaticultores (exceto os de Caçador) consultados pela equipe Hortifruti/Cepea, declararam que o valor mínimo de venda do tomate para recuperar os gastos com a cultura foi de R\$ 28,07/cx, alta de 12% frente à temporada anterior. Nas regiões que produzem a safra de inverno (exceto Mogi Guaçu), produtores indicam que a alta nos gastos no primeiro mês de colheita (a temporada foi iniciada em maio e deve ser finalizada em setembro) foi 17,2% superior à

de 2015, com a média do custo indo para R\$ 28,50/cx em maio de 2016.

A conjuntura econômica atual (dólar elevado, aumento dos custos de energia e alta taxa de juros) aliada ao clima desfavorável à produtividade impulsionaram os custos de produção do tomate em 2015 e também no primeiro semestre de 2016. Neste contexto, no *Especial Tomate* deste mês, a equipe Hortifruti/Cepea analisa se ainda é viável produzir o tomate de mesa nos atuais patamares de custo.

A previsão é que a alta dos custos, se ocorrer, seja menor na segunda metade de 2016 e em 2017. Esse cenário está fundamentado na possibilidade de redução dos juros, pelo menos até o próximo ano, por conta de uma esperada inflação mais controlada, do dólar estável e na interrupção das consecutivas altas no preço da energia. No caso da mão de obra, o contínuo aumento dos custos é inevitável, levando-se em conta que a política de reajuste do salário mínimo é ancorada na inflação e no desempenho econômico. Mesmo com o crescimento econômico negativo em 2016, a inflação no período vai novamente impulsionar o salário mínimo em 2017, base dos pagamentos na agricultura. Quanto ao clima, o fenômeno *La Niña* pode elevar o volume de chuvas no Nordeste do Brasil e diminuir a quantidade no Sul e Sudeste, cenário que favoreceria a produção do fruto. Caso o *La Niña* seja intenso, por outro lado, a produtividade do tomate de mesa pode ser limitada, já que produtores do Sul e Sudeste provavelmente enfrentariam elevada incidência de viroses, comuns em períodos de seca prolongada. No Nordeste, chuvas excessivas também prejudicariam a produção, que é bastante suscetível à umidade.

GASTAR MAIS DE R\$ 100 MIL POR HECTARE É VIÁVEL?

O custo de produção apurado pela Equipe Custos Tomate/Cepea é um importante alerta ao setor quanto à viabilidade econômica da cultura no curto prazo. Nesse patamar de gasto, além da boa gestão, o produtor vai depender muito do valor de venda do tomate para alcançar uma rentabilidade positiva. O atual cenário econômico, no entanto, vem reduzindo o poder de compra de consumidores brasileiros e essa situação não deve melhorar significativamente no próximo ano.

Do lado da oferta, a produção pode ser maior em

2016 e 2017, devido à previsão de clima favorável à cultura, especialmente nas regiões Sudeste e Sul, o que pode limitar fortes reações nos preços. Essa possível maior produtividade, por outro lado, é um bom sinal para reduzir custos.

A alta nos gastos observada em 2016 deve gerar margens apertadas ou até negativas para a cultura do tomate. Com isso, é importante que o produtor faça suas contas, seja criterioso nos próximos gastos e investimentos e ganhe, dentro do possível, eficiência em todas as vertentes do negócio.

GESTÃO SUSTENTÁVEL

CUSTO DE TOMATE ULTRAPASSA R\$ 100 MIL

É importante lembrar que o setor produtivo tem enfrentado muito bem as adversidades. Na crise hídrica de 2014 e 2015, muitos tomaticultores de Mogi Guaçu alteraram o sistema de irrigação, de aspersão para gotejamento, conseguindo produzir igual (ou melhor, em alguns casos), com menos água.

Uma ação muito defendida por essa publicação e ressaltada novamente neste *Especial Tomate* é a de que “quem não mede, não administra”. O custo de produção de tomate é elevado demais para não ser milimetricamente calculado. Por isso, essa ação pode ajudar o produtor a analisar se a atividade está dando lucro ou prejuízo e na

consequente decisão de retração ou expansão de investimentos.

Como já ressaltado na edição de abril da **Hortifruti Brasil** pelo coordenador científico do Cepea, o prof. Geraldo Barros, em meio a tantas incertezas no curto prazo, o produtor deve se concentrar na contenção dos custos, monitorar de perto o seu fluxo de caixa, mantendo uma poupança para tempos difíceis, e evitar financiamentos. Segundo Barros, o produtor “resiliente”, ou seja, aquele que consegue suportar e adaptar-se às adversidades, aprende com as dificuldades e encontra soluções alternativas.

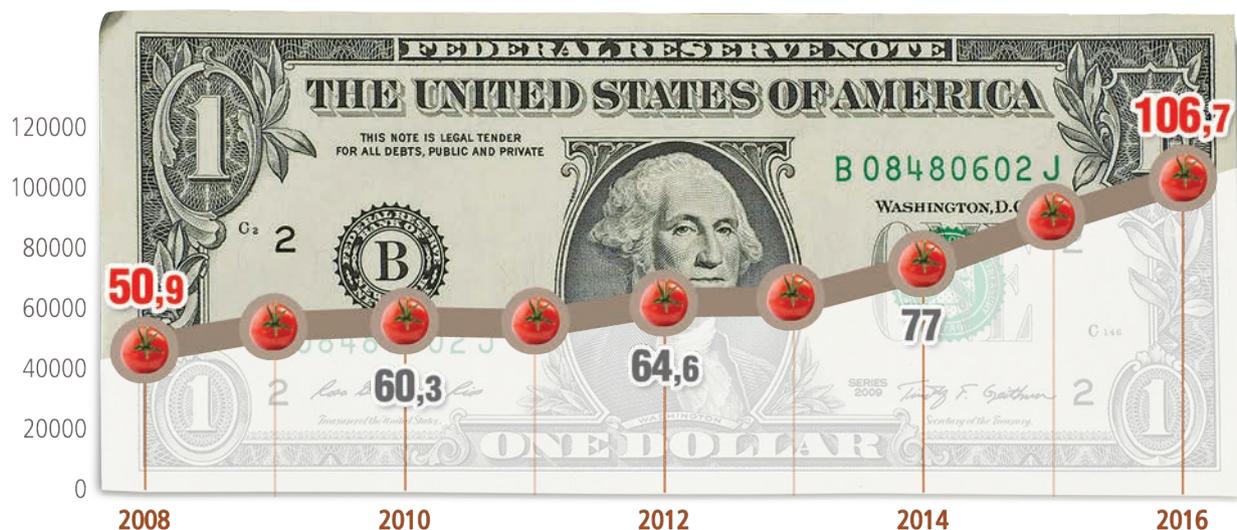
POR QUE OS CUSTOS DO TOMATE SUBIRAM TANTO?

Em 2016, nem todos os tomaticultores gastarão R\$ 100 mil/hectare para produzir o fruto, já que esse valor vai depender da região, da tecnologia do investimento e do grupo de insumos utilizados. O fato é que todas as praças produtoras de tomate registraram aumento significativo nos gastos com a cultura, especialmente a partir de 2015. A razão principal, sem dúvida, é o impacto do dólar sobre os valores dos insumos. Maiores gastos com energia e financiamento também

fizeram a conta subir. Além disso, o clima neste semestre não amenizou a elevação dos custos. Em parte das regiões, chuvas em excesso ampliaram os gastos com fungicidas e, em alguns casos, com fertilizantes, por conta da lixiviação dos nutrientes no solo. Outro ponto importante é a mão de obra. Apesar de a crise ter ampliado a oferta de trabalhadores, o pagamento no campo tem como base o salário mínimo, que, por sua vez, é reajustado anualmente.

DÓLAR É O VILÃO DOS CUSTOS DO TOMATE

Evolução dos custos do tomate de mesa de Mogi Guaçu (SP) - em mil R\$/hectare



Fonte: Hortifruti/Cepea (valores nominais)



CUSTO DE PRODUÇÃO DE TOMATE EM MOGI GUAÇU (SP)

Pelo oitavo ano, a equipe **Hortifruti Brasil** se reuniu com produtores e técnicos da região de Mogi Guaçu (SP) para apurar os custos de produção na região. Os dados são consolidados para a temporada de inverno de 2015 e estimados para 2016 (a safra é finalizada em setembro).

O método de levantamento continua sendo o Painel. Neste novo levantamento, não houve alterações na estrutura da propriedade típica da região em relação à temporada anterior. A escala típica das propriedades de Mogi Guaçu segue somando 15 hectares.

Devido à necessidade de rotação de áreas para o cultivo do tomate em decorrência de problemas fitossanitários, o plantio em terras arrendadas continua representando pelo menos metade da área cultivada. Ainda há, no entanto, boa parte da produção em terras próprias, especialmente em áreas onde o plantio do tomate não tenha ocorrido nos últimos quatro ou cinco anos, pelo menos.

A estimativa para a safra 2015 aponta que o custo de implantação da estrutura de condução do tomate se manteve estável frente à safra 2014, conforme era previsto no orçamen-

to de 2014, ficando em R\$ 7.630,00 por hectare – vida útil de três safras ou três anos, no caso de uma safra por ano. No entanto, para 2016, a expectativa é de alta de 5,12%, passando para R\$ 8.021,00/ha.

A lista de itens que compõem a infraestrutura é igual à dos últimos três anos, e o valor de cada bem vem se mantendo estável desde 2014. Trata-se de um barracão (desmontável) com vida útil de três anos, estimado em R\$ 18.000,00, com taxa anual de 10% de manutenção e 20% de valor residual; um refeitório (desmontável) estimado em R\$ 8.000,00, com dois anos de vida útil, taxa de manutenção de 25% e valor residual de 10% ao ano; e três banheiros no valor de R\$ 2.000,00 cada um, com vida útil de aproximadamente dois anos, sem valor residual.

O total de caixas plásticas para a colheita de tomate se manteve em 2.000 unidades, considerando-se uma área de 15 hectares. O valor de aquisição de cada caixa foi reajustado para R\$ 13,00 em 2015 e para R\$ 14,00 em 2016, havendo taxa média de reposição de 25% a.a. O sistema de irrigação desde 2014 é por gotejamento, e a captação da água se dá por motor elétrico. O inventário de máquinas e implementos é o mesmo desde 2013, conforme descrito abaixo.

PERFIL DA PROPRIEDADE TÍPICA DE MOGI GUAÇU - SAFRA 2015

Área com tomate	15 hectares
Densidade	11 mil pés por hectare
Produtividade em 2015	4.070 caixas por hectare
Obtenção da terra	Arrendamento
Estrutura básica (desmontável)	3 banheiros, 1 refeitório e 1 barracão para seleção de tomates
Estrutura para o estaqueamento	Estruturas de mourão, bambu, arame e fitilho
Sistema de Irrigação	Gotejamento

DESCRIÇÃO DAS MÁQUINAS, IMPLEMENTOS E FERRAMENTAS

- 3 tratores com as respectivas potências: 65, 75 e 100 cv
- 2 carretas de 5 toneladas cada
- 1 arado de 3 discos de 28 polegadas
- 1 tanque de 2 mil litros
- 1 grade aradora de 16 discos de 28 polegadas
- 2 mil metros de mangueira
- 1 distribuidor de calcário de cinco toneladas
- 1 veículo utilitário
- 1 subsolador de 5 hastes
- 1 ônibus
- 1 grade niveladora de 32 discos
- Estrutura de irrigação (motobomba + canos)
- 1 sulcador de duas linhas
- 9 pulverizadores costais
- 1 plaina
- 30 enxadas
- 1 pulverizador de 2 mil litros
- 12 cavadeiras

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE TOMATE NA REGIÃO DE MOGI GUAÇU (SP) SAFRAS DE INVERNO 2015 E 2016

Itens	2015		2016		Var% (ha) (entre safras)
	(R\$/ha)	(R\$/pé)	(R\$/ha)	(R\$/pé)	
(A) Insumos	25.263,89	2,30	32.373,45	2,94	28,1%
Fertilizantes(solo e foliar)/Corretivos	11.552,00	1,05	13.862,40	1,26	20,0%
Defensivos, adjuvantes e indutores	13.711,89	1,25	18.511,05	1,68	35,0%
(B) Semente	3.456,42	0,31	3.456,42	0,31	0,0%
(C) Viverista	539,00	0,05	627,00	0,06	16,3%
(D) Replanteio	399,54	0,04	413,34	0,04	3,5%
(E) Infraestrutura (reposição)	2.484,97	0,23	2.609,97	0,24	5,0%
(F) Ferramentas de campo	124,00	0,01	124,00	0,01	0,0%
(G) Operações mecânicas	3.217,14	0,29	3.473,72	0,32	8,0%
(H) Irrigação	1.870,00	0,17	1.650,00	0,15	-11,8%
(I) Mão de obra	31.481,23	2,86	34.025,60	3,09	8,1%
Meeiros (temporários)	26.784,30	2,43	29.328,67	2,67	9,5%
Permanentes	4.696,93	0,43	4.696,93	0,43	0,0%
(J) Despesa com utilitários	1.096,95	0,10	1.107,62	0,10	1,0%
(K) Despesas gerais	5.936,00	0,54	5.936,00	0,54	0,0%
(L) Arrendamento da terra	1.859,50	0,17	2.066,12	0,19	11,1%
(M) Financiamento do Capital de Giro	6.048,01	0,55	9.016,53	0,82	49,1%
(N) Custo Operacional (A+ B+...+M)	83.776,65	7,62	96.879,77	8,81	15,6%
(O) CARP	9.298,58	0,85	9.775,64	0,89	5,1%
Implantação	2.727,96	0,25	2.871,75	0,26	5,3%
Máquinas	1.899,75	0,17	2.127,73	0,19	12,0%
Utilitários	597,07	0,05	597,07	0,05	0,0%
Implementos	877,35	0,08	982,64	0,09	12,0%
Equipamentos de irrigação	2.406,38	0,22	2.406,38	0,22	0,0%
Benfeitorias	790,07	0,07	790,07	0,07	0,0%
(P) CUSTO TOTAL (N + O)	93.075,23	8,11	106.655,41	9,70	0,15

Custo Total 2015 (4.070 cx/ha) - R\$ 22,87/cx de 23 kg

Custo Total 2016 (4.070 cx/ha) - R\$ 26,21/cx de 23 kg



DEFENSIVOS E FERTILIZANTES IMPULSIONAM OS CUSTOS EM MOGI GUAÇU

“Os custos não param de subir!” Essa é a conclusão de tomaticultores quando observam os valores gastos entre 2014 e 2015. Nesse período, o custo total de produção do tomate de mesa por hectare subiu 21% e, para 2016, estima-se novo reajuste de mais 15 pontos percentuais, somando 36% de alta em apenas dois anos.

Como já relatado, o vilão dos custos de tomate foi o dólar em alta no período, que encareceu principalmente os defensivos e fertilizantes. Na região de Mogi Guaçu, o reajuste nos preços dos insumos foi verificado em 2015 e ainda segue em 2016.

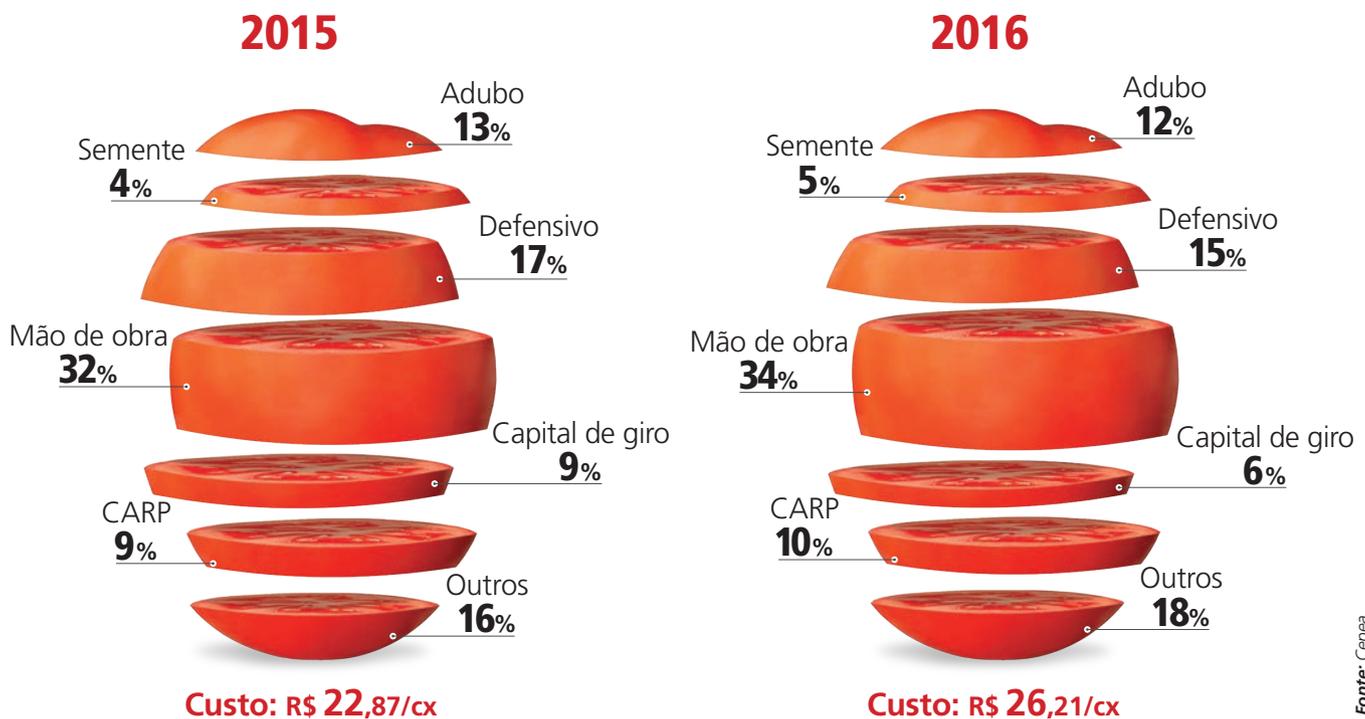
A mão de obra também continuou impulsionando fortemente os custos de produção. Além do aumento constante do salário mínimo, base para os pagamentos no setor, as bonificações têm sido reajustadas. Produtores alegam que, apesar de a oferta de mão de obra estar maior, é difícil encontrar funcionários de qualidade e confiança. Com isso, muitos vêm mantendo os melhores funcionários, por meio de estímulos financeiros. O modelo de bonificação continua sendo vinculado ao volu-

me de produção e à receita bruta. Para os funcionários temporários, a bonificação por caixa de tomate colhida se manteve estável em 2015 frente à de 2014, em R\$ 0,85. O bônus do encarregado, que é o funcionário fixo com funções diversas, teve elevação de 1,25% (em média) da receita bruta para 1,5%. Entre 2014 e 2015, os custos com mão de obra aumentaram 29% e a previsão para 2016 é de nova alta por hectare, por enquanto, estimada em 8,1% – o valor final vai depender do volume de produção e da receita obtida.

Em 2015, o gasto com irrigação também cresceu, 13% em relação a 2014, devido principalmente ao aumento da tarifa de energia elétrica – o volume de chuva foi baixo nesses dois anos. A expectativa é de que os gastos com irrigação diminuam em 2016, por conta da menor tarifa e também do clima mais favorável.

O maior custo da cultura nos últimos dois anos, por sua vez, eleva a necessidade de captar mais crédito para girar o negócio. No entanto, a dificuldade de acesso ao crédito oficial e as altas das taxas de juros encareceram os custos de captação de dinheiro, que subiram expressivos 70% de 2014 para 2015.

DISTRIBUIÇÃO DOS PRINCIPAIS ITENS QUE COMPÕEM O CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (%) DE MOGI GUAÇU (SP) - SAFRAS DE INVERNO 2015 E 2016



Fonte: Cepea

Janáína

Tomate Salada Indeterminado **F1**

Resistências/Tolerâncias:

V, F2, N, TMV, TYLCV, TSWV

WINNERS
OS PRODUTOS VENCEDORES

 **FELTRIN**[®]
SEMENTES

(54) 2109.4400 www.sementesfeltrin.com.br



CUSTO DE PRODUÇÃO DE TOMATE EM CAÇADOR (SC) – PEQUENA ESCALA

A **Hortifruti Brasil** apura os custos de produção de tomate de mesa pelo quinto ano consecutivo na região de Caçador, em duas escalas de produção: pequena e grande. A safra analisada é a de verão 2015/16, já consolidada, sendo apresentados novamente os custos referentes à safra 2014/15, para efeito de comparação de um ano para o outro. O produtor típico de pequena escala aumentou a área de cultivo de 1,25 para 1,5 hectare. O motivo é que houve um crescimento no espaçamento entre linhas, visando facilitar a entrada dos tratores para pulverização. Assim, o número de plantas por área foi reduzido, passando de um adensamento de 12 mil para 10 mil plantas/ha. O menor adensamento reduziu em 11% a produtividade frente ao ano anterior, indo para 3.200 caixas/ha, ou 320 caixas/1.000 plantas. Apesar disso, o clima chuvoso nas últimas temporadas (2014/15 e 2015/16) resultou em apresentaram quebra de produtividade frente ao potencial da região.

O produtor típico nesta escala cultiva o fruto em terra própria, rotacionando a lavoura dentro da propriedade, que é ocupada também por outras atividades, como pimentão, uva, pêssego e milho. A área total da propriedade típica se mantém em 20 hectares, considerando-se todo o portfólio de culturas

e as áreas de mata para preservação. Em geral, desses 20 hectares, 80% são agricultáveis e os outros 20%, destinados à reserva ambiental.

A lista de itens que compõem a infraestrutura é igual à dos últimos cinco anos, resumindo-se a um barracão para uso geral e uma casa para o funcionário. No entanto, os valores para as construções tiveram reajustes na safra 2015/16 frente à anterior. A construção do barracão foi estimada em R\$ 100.000,00 e a casa, em R\$ 130.000,00. Houve, também, reajuste de 19% no custo de implantação da estrutura de tutoramento do tomate na temporada 2015/16 em relação à anterior, passando para R\$ 6.441,04 por hectare.

O número de caixas necessárias para a colheita se manteve em 400 para toda a lavoura (1,5 ha). O valor unitário da caixa, no entanto, aumentou 22,7% na safra 2015/16, a R\$ 27,00, com taxa média de reposição de 5% a.a.. O transporte do tomate continua sendo de responsabilidade do comprador, que desconta esse custo do preço final a ser pago ao produtor.

Como os bens da propriedade não são utilizados apenas na cultura de tomate, o cálculo da depreciação (CARP) continua sendo rateado de acordo com o percentual de uso em cada atividade. O inventário (total de itens) segue igual ao do ano anterior.

PERFIL DA PROPRIEDADE TÍPICA DE PEQUENA ESCALA EM CAÇADOR - SAFRA 2015/16

Área com tomate	1,5 hectares
Densidade	10 mil pés por hectare
Produtividade em 2015/16	3.200 caixas por hectare
Obtenção da terra	Própria
Estrutura básica (fixa)	1 barracão para uso geral e 1 casa para o funcionário
Estrutura para o estaqueamento	Estruturas de mourão, bambu, arame e fitilho
Sistema de Irrigação	Gotejamento

DESCRIÇÃO DAS MÁQUINAS, IMPLEMENTOS E FERRAMENTAS

% UTILIZADA NA TOMATICULTURA

• 1 trator de 55 cavalos 4 x 2	20%
• 1 trator de 75 cavalos 4 x 2	30%
• 1 grade de 14 discos de 28 polegadas	50%
• 1 subsolador de 5 hastes	20%
• 1 sulcador de 2 linhas	100%
• 1 carreta de 5 toneladas e 4 rodas	20%
• 1 distribuidor de calcário de arrasto de 1.500 kg	50%
• 1 pulverizador de 400 litros (conjunto completo)	40%
• 1 veículo utilitário	30%
• Ferramentas específicas	100%

CUSTO DE PRODUÇÃO DE TOMATE NA REGIÃO DE CAÇADOR (SC) SAFRA DE VERÃO - PEQUENA ESCALA DE PRODUÇÃO

Itens	2014/15		2015/16		Var% (ha) (entre safras)
	(R\$/ha)	(R\$/pé)	(R\$/ha)	(R\$/pé)	
(A) Insumos	18.192,45	1,52	30.702,00	3,07	68,8%
Fertilizantes (solo e foliar) e Corretivos	8.154,00	0,68	12.350,00	1,24	51,5%
Defensivos, adjuvantes, indutores e reguladores	10.038,45	0,84	18.352,00	1,84	82,8%
(B) Semente	4.200,00	0,35	4.500,00	0,45	7,1%
(C) Viveirista	825,00	0,07	960,00	0,10	16,4%
(D) Replanteio	351,75	0,03	382,20	0,04	8,7%
(E) Infraestrutura (reposição/manutenção)	3.677,67	0,31	4.330,86	0,43	17,8%
(F) Operações Mecânicas	2.702,03	0,23	3.916,73	0,39	45,0%
(G) Irrigação	1.248,00	0,10	885,00	0,09	-29,1%
(H) Mão de obra	22.147,20	1,85	25.152,00	2,52	13,6%
(I) Despesa com utilitários	1.383,04	0,12	1.899,60	0,19	37,3%
(J) Despesas gerais	11.055,00	0,92	12.711,80	1,27	15,0%
(K) Financiamento do Capital de Giro	3.648,08	0,30	5.630,44	0,56	54,3%
(L) Custo Operacional (A+B+...+K)	69.430,22	5,79	91.070,62	9,11	31,2%
(M) CARP	7.494,39	0,62	7.470,07	0,75	-0,3%
Implantação	258,17	0,02	305,06	0,03	18,2%
Máquinas	1.521,37	0,13	1.352,82	0,14	-11,1%
Utilitários	1.830,28	0,15	1.863,06	0,19	1,8%
Implementos	1.126,22	0,09	1.055,50	0,11	-6,3%
Equipamentos de irrigação	1.528,97	0,13	1.481,90	0,15	-3,1%
Benfeitorias	1.127,01	0,09	1.309,36	0,13	16,2%
Ferramentas	102,37	0,01	102,37	0,01	0,0%
(N) Custo de Oportunidade da Terra	1.500,00	0,13	1.500,00	0,15	0,0%
(O) CUSTO TOTAL (L+M+N)	78.424,61	R\$ 6,54	100.040,69	R\$ 10,00	27,6%

Custo Total: Safra 2014/15 (3.600 cx/ha) - R\$ 21,78/cx de 23 kg

Custo Total: Safra 2015/16 (3.200 cx/ha) - R\$ 31,26/cx de 23 kg



CUSTO DE PRODUÇÃO DE TOMATE EM CAÇADOR (SC) – GRANDE ESCALA

A produção de grande escala de tomate de mesa em Caçador (SC) diminuiu de 27,3 para 22,7 hectares. De acordo com os participantes do Painel, a diminuição deve-se principalmente à dificuldade de obtenção de recursos financeiros para manutenção da área de cultivo, à baixa oferta de mão de obra qualificada e à menor disponibilidade de áreas com boas características para o cultivo do fruto. A produtividade estimada foi de 3.520 caixas/ha, ou de 320 caixas a cada mil plantas (a mesma da pequena escala de produção), com aumento de 6,7% na produtividade frente ao ano anterior. O interessante é que esse incremento foi o mesmo que seria observado para a pequena escala de produção, caso o adensamento do ano anterior tivesse sido o mesmo – fato que evidencia a coerência das estimativas. Assim como verificado na pequena escala de produção, houve quebra de safra tanto nesta última safra como na anterior frente ao potencial da região.

O número de funcionários temporários segue o mesmo da temporada anterior, de dois por hectare. Esses trabalhadores normalmente são registrados por um período de seis meses, recebendo um salário mínimo mais a comissão, de cerca de R\$ 1,60/cx colhida na temporada 2015/16.

O produtor de grande escala, no geral, arrenda a terra para o cultivo, que, por sua vez, vem sendo reajustada. Na

safra 2015/16, aumentou 25% frente à anterior, passando de R\$ 2.000,00/ha para R\$ 2.500,00/ha.

Quanto à infraestrutura, foi mantida em dois barracões, uma casa para funcionário e 10 banheiros. Os valores de aquisição dos barracões se mantiveram estáveis, um em R\$ 144.000,00 e o outro, em R\$ 18.000,00, com vida útil de 20 anos cada. Já a casa do funcionário passou a custar R\$ 40.000,00, alta de 30% quando comparado ao ano anterior, apresentando vida útil estimada em 20 anos. Os banheiros foram reajustados para R\$ 2.200,00/unidade, com vida útil de cinco anos. O motivo do reajuste no valor da casa é que os participantes julgaram que o valor anterior seria insuficiente para a construção do padrão do imóvel proposta no estudo, e não por um reajuste nos preços dos componentes da construção.

O número de caixas plásticas para a colheita se manteve em 4.000 unidades, a um custo unitário de R\$ 15,00, com taxa média de reposição de 10% ao ano. Possivelmente devido ao volume de compra, a caixa plástica custa menos para o produtor de grande escala do que para o de pequena. Quanto ao inventário de bens, permaneceu o mesmo nas últimas duas safras.

A seguir, a descrição de maquinário, implementos, benfeitorias, valor de formação da estrutura de estaqueamento e valor de mercado da terra. No caso da produção em grande escala, a maior parte das máquinas e implementos listados é utilizada somente na cultura de tomate.

PERFIL DA PROPRIEDADE TÍPICA DE GRANDE ESCALA EM CAÇADOR - SAFRA 2015/16

Área	22,73 hectares
Densidade	11 mil pés por hectare
Produtividade em 2015/16	3.520 caixas por hectare
Obtenção da terra	Arrendada
Estrutura básica (fixa)	2 barracões para uso geral, 1 casa para funcionário e 10 banheiros.
Estrutura para o estaqueamento	Estruturas de mourão, bambu, arame e fitilho
Sistema de Irrigação	Gotejamento

DESCRIÇÃO DAS MÁQUINAS, IMPLEMENTOS E FERRAMENTAS

• 2 tratores de 50 cavalos 4 x 2	100%	• 1 pulverizador de 400 litros (conjunto completo)	100%
• 1 trator de 75 cavalos 4 x 2	50%	• 1 pulverizador de 600 litros (conjunto completo)	100%
• 1 trator de 100 cavalos 4 x 4	100%	• 1 reservatório para preparo de defensivos	100%
• 1 grade de 16 discos de 28 polegadas	50%	• 1 caminhão	50%
• 1 subsolador de 7 hastes	50%	• 1 ônibus	100%
• 1 sulcador de 2 linhas	100%	• 2 motos	100%
• 3 carretas de 6 toneladas e 4 rodas	100%	• 1 veículo utilitário	50%
• 1 distribuidor de calcário de arrasto de 5.000 kg	50%	• Ferramentas	100%

CUSTO DE PRODUÇÃO DE TOMATE NA REGIÃO DE CAÇADOR (SC) SAFRA DE VERÃO - GRANDE ESCALA DE PRODUÇÃO

Itens	2014/15		2015/16		Var% (ha) (entre safras)
	(R\$/ha)	(R\$/pé)	(R\$/ha)	(R\$/pé)	
(A) Insumos	21.516,54	1,96	28.547,80	2,60	32,7%
Fertilizantes (solo e foliar) e Corretivos	11.593,62	1,05	14.815,60	1,35	27,8%
Defensivos, adjuvantes, indutores e reguladores	9.922,92	0,90	13.732,20	1,25	38,4%
(B) Semente	3.080,00	0,28	3.355,00	0,31	8,9%
(C) Viveirista	605,00	0,06	682,00	0,06	12,7%
(D) Replântio	368,50	0,03	403,70	0,04	9,6%
(E) Infraestrutura (reposição/manutenção)	3.212,09	0,29	3.251,75	0,30	1,2%
(F) Operações Mecânicas	3.265,57	0,30	4.699,79	0,43	43,9%
(G) Irrigação	810,00	0,07	2.310,00	0,21	185,2%
(H) Mão de obra	21.894,00	1,99	29.163,52	2,65	33,2%
Meeiros (temporários)	18.990,00	1,73	23.249,92	2,11	22,4%
Fixos	2.904,00	0,26	5.913,60	0,54	103,6%
(I) Despesa com utilitários	926,31	0,08	1.207,95	0,11	30,4%
(J) Despesas gerais	8.570,87	0,78	12.678,24	1,15	47,9%
(K) Arrendamento da terra	2.000,00	0,18	2.500,00	0,23	25,0%
(L) Financiamento do Capital de Giro	4.463,41	0,41	10.091,14	0,92	126,1%
(M) Custo Operacional (A+B+...+L)	70.712,29	6,43	98.890,89	8,99	39,8%
(N) CARP	5.348,76	0,49	6.634,45	0,60	24,0%
Implantação	228,20	0,02	253,55	0,02	11,1%
Máquinas	1.072,40	0,10	1.342,61	0,12	25,2%
Utilitários	903,62	0,08	985,36	0,09	9,0%
Implementos	829,88	0,08	1.434,71	0,13	72,9%
Equipamentos de irrigação	1.784,85	0,16	1.994,10	0,18	11,7%
Benfeitorias	424,16	0,04	517,12	0,05	21,9%
Ferramentas	105,65	0,01	107,00	0,01	1,3%
(O) Custo Total (M+N)	76.061,05	R\$ 6,91	R\$ 105.525,34	R\$ 9,59	38,7%

Custo Total: Safra 2014/15 (3.300 cx/ha) - R\$ 23,05/cx de 23 kg

Custo Total: Safra 2015/16 (3.520 cx/ha) - R\$ 29,98/cx de 23 kg

Agora a DuPont traz ainda mais proteção para a sua lavoura ir além

Verimark® e Benevia® trazem um novo conceito na proteção da lavoura e no manejo de produção. O Programa permite controle eficiente das pragas mais importantes desde o início do ciclo, proporcionando plantas saudáveis e vigorosas.

Ambos possuem o ativo Ciantraniliprole que apresenta espectro cruzado com alta performance no controle das principais pragas mastigadoras*, sugadoras* e alguns coleópteros*.

Benefícios



Melhor estabelecimento da cultura



Plantas mais vigorosas que proporcionam melhores resultados



Uma só molécula com espectro cruzado no manejo das mais importantes pragas



Controla diversas fases do ciclo da praga resultando em alta performance



Maior proteção, ação sistêmica e translaminar



Ganhos adicionais em produtividade e qualidade



Os LMRs e Tolerâncias de Importação para culturas tratadas com Verimark® e Benevia® podem estar pendentes em alguns países. Consulte seu exportador, importador ou a DuPont antes de aplicar Verimark® e Benevia® nas culturas de exportação. Cyazypr® é a marca comercial do ingrediente ativo Ciantraniliprole. ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO. Produto de uso agrícola. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.

DuPont™ Verimark®

inseticida

powered by
CYAZYPYR®

DuPont™ Benevia®

inseticida

powered by
CYAZYPYR®

Principais pragas

✓ Mosca-branca
(*Bemisia tabaci*/
Bemisia tabaci raça B)

✓ Mosca-minadora
(*Liriomyza huidobrensis*)

✓ Broca-do-café
(*Hypothenemus Hampei*)

*Acesse a bula no site www.dupontagricola.com.br e saiba mais sobre as pragas que **DuPont™ Verimark®** e **DuPont™ Benevia®** controlam.



BENEVIA® | FOLIAR

DuPont™ Benevia® é um inseticida registrado para **30 culturas**. Possui formulação à base de óleo 100 OD - Dispersão de Óleo, para aplicações foliares.

VERIMARK® | SOLO

DuPont™ Verimark® é um inseticida registrado para **28 culturas**. Possui formulação 200 SC - Suspensão Concentrada, para aplicações via solo.

O aumento da produtividade e rentabilidade foram observados em campos experimentais, onde foi utilizado os produtos Verimark® e Benevia®, seguindo corretamente as informações de dosagem e aplicação. O aumento de produtividade e rentabilidade depende também de outros fatores, como condições de clima, solo, manejo, estabilidade do mercado, entre outros. Dados disponibilizados pela área de Pesquisa da DuPont. Consulte sobre a aprovação do cadastro estadual do produto Verimark®, em seu estado, para as diferentes culturas registradas. O produto Verimark® está liberado para comercialização no PR (com restrição na cultura do fumo para o alvo *Phthorimaea operculella*).

Para mais informações:
TeleDuPont
0800 707 55 17 Agrícola
www.dupontagricola.com.br



ALTA DOS DEFENSIVOS ELEVA CUSTOS DO PRODUTOR CATARINENSE DE PEQUENA ESCALA

O custo total por hectare da safra 2015/16 em Caçador teve expressiva alta de 27,6% frente à temporada anterior para produtores de pequena escala. Por conta do elevado volume de chuvas, o único item do Custo Operacional (CO) que reduziu foi a irrigação. O menor adensamento e, por conta disso, o aumento da área de cultivo de tomate (visando manter o mesmo número de plantas) diluíram o custo do capital imobilizado por uma área maior. Com isso, a alta nos valores de alguns itens que compõem o CARP foi anulada.

O custo de oportunidade da terra não teve alteração, ficando o mesmo da safra passada, embora produtores de grande escala da mesma região catarinense que arrendam terras sinalizem pagar mais caro pelo aluguel neste ano. Todos os demais itens apresentaram alta, com forte destaque para os defensivos.

O gasto com defensivo agrícola cresceu 82,8% frente ao da safra anterior. Essa forte alta esteve atrelada ao aumento nos preços do insumo de um ano para o outro, já que, na safra passada, o dólar ainda não havia subido no período de compra desses defensivos. Além disso, o clima bastante chuvoso neste ano elevou o número de aplicações e a dosagem, impulsionando ainda mais os gastos. Os custos com fertilizantes também tiveram crescimento

acentuado no último ano, de 51,5%, por conta dos preços mais elevados.

Os gastos com as operações mecânicas tiveram forte salto de um ano para o outro, de 45%, devido ao aumento no preço do óleo diesel e ao maior número de pulverizações, por conta do clima chuvoso. O número médio de pulverizações subiu 50% nesta temporada frente à anterior, passando para 60 no ciclo da cultura. O incremento nos custos com utilitários foi de 37,3%, como resultado do maior valor da gasolina.

Os gastos com sementes subiram 7,1% de uma temporada para outra, o que provavelmente pode ser explicado pelo mesmo motivo observado em Mogi Guaçu, que é a maior concorrência entre empresas.

Os gastos com mão de obra seguem em ascensão, com alta de 13,6% na safra 2015/16, devido ao constante aumento do salário mínimo e à dificuldade de contratação de mão de obra de qualidade, embora a oferta de trabalhador tenha crescido. Quanto ao quadro de funcionários, foram mantidas três pessoas contratadas pelo período de seis meses. O *pró-labore* do produtor, considerado durante seis meses do ano (safra do tomate), se manteve em R\$ 1.500,00/mês. Mesmo com a elevação da inflação, os produtores acreditam que essa estrutura não consegue pagar um valor maior de *pró-labore*.



CUSTOS TAMBÉM SEGUEM EM ALTA PARA OS PRODUTORES DE GRANDE ESCALA DE CAÇADOR

O custo total de produção por hectare também foi maior na safra 2015/16 para o produtor de grande escala da região de Caçador, superando em 38,7% o da temporada anterior. Nenhum item teve recuo de preços. A irrigação, inclusive, teve alta acentuada, justificada em parte pelo maior custo com o óleo diesel (já que o mais comum para esse produtor é motobomba a diesel). O grupo que participou do Painel neste ano afirmou que o equipamento de irrigação tem consumo maior de diesel do que o estimado no estudo do ano passado. Ao contrário do que aconteceu na pequena escala de produção, a irrigação acabou sendo o item com maior alta nos custos

entre um ano e outro, subindo expressivos 185,2%. Apesar disso, a intensidade na irrigação neste último ano foi menor que no anterior, já que foi uma temporada mais chuvosa.

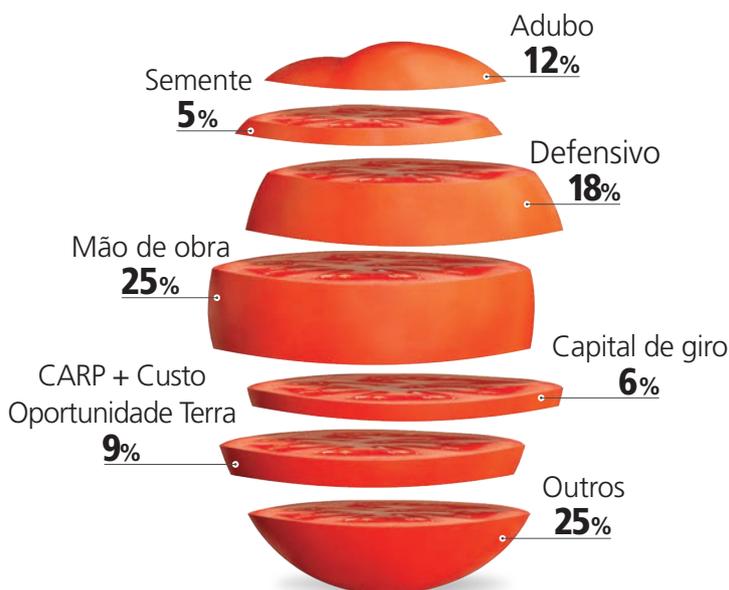
Os gastos com defensivos aumentaram 38,4% (por hectare) na última safra frente à anterior. Além da elevação nos preços desse insumo, devido à alta do dólar, o clima chuvoso também influenciou o maior gasto com defensivos.

A alta nos fertilizantes foi de 27,8% nesta última temporada em relação à anterior, também em decorrência do dólar elevado. As sementes tiveram reajuste limitado, de 8,9%.

Já o dispêndio com operações mecânicas foi 43,9%

DISTRIBUIÇÃO DOS PRINCIPAIS ITENS QUE COMPÕEM O CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (%) DE CAÇADOR (SC) - SAFRA DE VERÃO 2015/16

2015/16 PEQUENA ESCALA



Custo: R\$ 31,26/cx

2015/16 GRANDE ESCALA



Custo: R\$ 29,98/cx

maior neste ano, resultado do combustível mais caro e da necessidade de aumento no número de pulverizações quando comparado com o ano passado. Enquanto na temporada anterior produtores estimaram gastar 30 horas de máquina por hectare para fazer todas as pulverizações, na safra 2015/16, o tempo subiu para 50 horas. Os custos com utilitários subiram 37,3%, devido à gasolina mais cara.

Os gastos com mão de obra, item de maior participação na composição dos custos, continuaram em elevação, de 33,2%. Além do aumento anual do salário mínimo, o reajuste nas gratificações e a redução da área de cultivo, que diminuiu o rateio para a mão de obra fixa, influenciaram a elevação no gasto com a mão de obra. Mesmo com o recuo de área, não foi possível reduzir o número desses funcionários. Os custos por hectare com a mão de obra temporária aumentaram 22,4% e com a mão de obra fixa, expressivos 103,6%. O custo

com arrendamento de terra foi ampliado em 25% nesta safra, atribuído principalmente à maior demanda – em função do cenário positivo na agricultura – e à dificuldade de encontrar terra com boas características para a produção de tomate.

Os custos com capital de giro mais que dobraram de um ano para o outro, subindo 126,1%. A justificativa está no maior montante financeiro necessário para custear a safra e nos juros mais elevados dos financiamentos bancários. Produtores declararam que, neste ano, quase não conseguiram financiamento com taxa de juros subsidiada pelo governo. Além disso, os juros de financiamento de terceiros e o custo de oportunidade também tiveram aumento.

O custo com o CARP subiu 11,1% na temporada 2015/16 em relação à anterior, em função do reajuste nos preços de alguns componentes e da redução do tamanho da propriedade. ■

AGRADECIMENTO:

A toda equipe da EPAGRI de Caçador pelo apoio, desde o início, ao desenvolvimento do projeto de custos de produção de tomate na região.



foto: Lulimar de Campos

Cotações devem permanecer em baixa em junho

Chuvas fora de época podem amenizar pico de safra

O mês de junho marca o pico de colheita da temporada de inverno nas regiões produtoras participantes da primeira parte da safra de inverno. Contudo, apesar da previsão de concentração de oferta, as chuvas ocorridas em boa parte das regiões ofertantes entre o fim de maio e início de junho poderão resultar em volume reduzido de tomates de boa qualidade, sobretudo na primeira quinzena do mês. As precipitações e o granizo causaram perdas nas roças de Sumaré (SP), além de queda na qualidade (frutos manchados) em outras regiões. Em maio, os preços subiram em comparação com os de abril. O fruto foi comercializado na Ceagesp por R\$ 43,86/cx de 20 kg, 7% superior ao mês anterior. Contudo, as cotações oscilaram significativamente, sendo altas no início do mês e baixas na segunda quinzena. Na primeira quinzena de maio, o fruto obteve média de R\$ 57,62/cx, na Ceagesp. Porém, na segunda quinzena, com a maturação mais acelerada, as cotações caíram expressivamente, fechando a R\$ 31,36/cx.

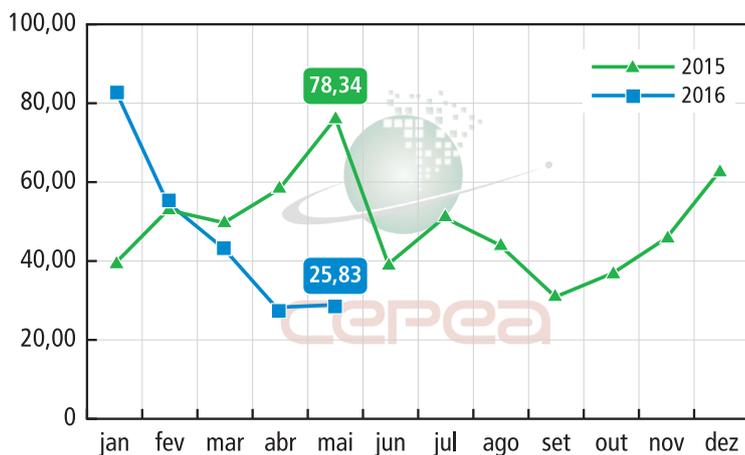
Regiões fluminenses entram em pico de oferta

As regiões de São José de Ubá e Paty do Alferes (RJ), participantes da safra de inverno, entraram em pico de colheita neste mês, com 30% da área total. Em São José de Ubá, a colheita teve início no fim do mês passado e deve perdurar até o final

de agosto. Produtores da região decidiram adiantar em um mês o transplante, para aproveitarem o período de chuvas do início do ano. Já em Paty do Alferes, onde a colheita teve início em abril, houve problemas associados a bactérias no período de transplante e no início da safra, além da incidência de viroses nas últimas semanas de maio. Com isso, a produtividade foi prejudicada e não ultrapassou as 200 cxs/mil pés, quantidade abaixo da esperada pelos produtores da região. Com quase dois meses sem volumes significativos de precipitações, produtores estão receosos com a continuidade da colheita e, no caso de Paty, com as atividades de campo para a segunda parte da temporada, que começam este mês.

Preço em Irecê despencou em maio

A região de Irecê (BA), que colhe o ano todo, registrou queda considerável nos preços em maio. Em comparação com abril, quando a média foi de R\$ 33,14/cx de 30 kg, houve recuo de 48% nos valores, devido ao aumento da oferta, visto que as temperaturas estavam elevadas e aceleraram a maturação dos frutos. A produção na região baiana é 100% de tomate rasteiro para mesa e, segundo colaboradores, os resultados têm sido satisfatórios, mesmo com certos problemas de mosca minadora em algumas roças. Como a concentração da colheita acontece no primeiro semestre, período em que 70% da área é colhida, a partir de junho, a tendência é de redução na oferta. Produtores da região buscam colher quando não há tanta concorrência com outras praças locais, como Juazeiro (BA) e, também, por obterem bons preços neste período. Outro fator determinante para a safra de Irecê é a disponibilidade hídrica, já que no segundo semestre é menor a ocorrência de chuvas na região baiana. Os consideráveis volumes de chuva do início do ano animaram produtores em relação à continuidade da safra. Ao mesmo tempo, também foram responsáveis por causar problemas de bactéria. Mesmo com a redução das cotações em maio, o saldo da safra, até então, é positivo, com bons valores observados no início do ano.



Preço fica praticamente estável em maio

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea

Hortifruti Visite a HF Brasil na 23ª Hortitec!

Setor Azul - 22 a 24 de Junho - Holambra (SP)

Convites: ☎ 19 3429.8808 | 📞 19 99107.4710



SIM HF

SOLUÇÃO INTEGRADA DE MANEJO

**Produtos desenvolvidos
para um manejo
eficiente da
sua cultura.**

Este produto pertence à classe de produtos fitossanitários, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções de uso, o rótulo, o bulo e o manual de uso. Utilize sempre equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização dos produtos por terceiros sem a presença do técnico. Consulte sempre o Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônomo.

Voraz® | Galil® SC | Afalon® SC | Captan SC
Rimon® SUPRA | ExpertGrow | Goltix® | Arcadia™

ADAMA



adama.com



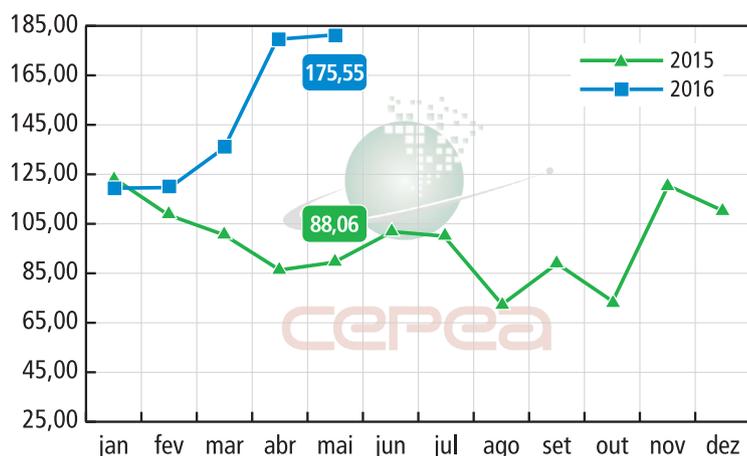
Safra das secas ganha ritmo em junho

Mesmo com maior oferta, preços continuam elevados

A previsão para junho é que a área colhida com batata seja 7,4% maior que em maio. Com o final da colheita da safra das águas, a das secas ganha ritmo (cerca de 65% desta temporada deve ser colhida). Apesar do avanço das atividades, não deve haver excesso de oferta do produto, mantendo, desta maneira, os preços atrativos. As regiões que estarão colhendo neste mês são: Sul de Minas, Curitiba, São Mateus do Sul, Ponta Grossa e Irati (PR), Ibiraiaras (RS), Sudoeste Paulista, Cristalina (GO) e Chapada Diamantina (BA). A maior parte da batata colhida em junho será das regiões paranaenses, com 54,23%. O Sul de Minas será responsável por 21,12% da área e, o restante, é registrado nas demais regiões. O Sudoeste Paulista será a última praça a iniciar a colheita da safra das secas (final de junho), quando será colhido 20% do total que a região cultivou nessa temporada. A oferta tardia no Sudoeste deve-se as chuvas no começo do plantio (final de fevereiro/início de março), que atrasaram o preparo de solo, e ao forte calor que estava prejudicando as lavouras. Em maio, o preço médio foi de R\$ 162,77sc de 50 kg.

Clima prejudica lavouras na temporada das secas

A safra das secas 2016 vem sendo marcada pelo clima desfavorável. O Paraná, um dos principais estados a abastecer mercado, teve problemas com as geadas que ocorreram no final de abril e



Preço sobe pouco e alcança novo recorde em maio

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea

afetaram as áreas colhidas no final de maio e início de junho, prejudicando o enchimento dos tubérculos. As chuvas volumosas durante o plantio, seguidas de estiagem, também resultaram em problemas com canela-preta, larva-alfinete e mosca branca. Todos esses fatores devem levar a uma quebra de até 60% na produtividade do estado. As demais regiões produtoras do período também tiveram problemas com excesso de água, atrasando o preparo de solo e perdas de semente – com posterior replantio. No Sudoeste Paulista, onde o plantio já foi encerrado, o calor impediu uma boa formação das primeiras lavouras, intensificando problemas com o apodrecimento e perdas de semente, que deve ter afetado 20% das áreas locais. Diante desse cenário, a produtividade inicial dessa safra ficou em 18,19 t/ha, bem abaixo do potencial produtivo, de 25,47 t/ha. A partir do final de junho, é esperada retomada da atividade em todas as regiões, já que as áreas que serão colhidas tiveram menos problemas durante o plantio e desenvolvimento.

Vargem Grande do Sul está perto de iniciar safra de inverno

A safra de inverno de Vargem Grande do Sul (SP) tem início em julho. O pico de colheita deve ser em agosto, com 35% da área. Já o plantio teve início na segunda quinzena de março e será finalizado em julho. Além de alguns atrasos no preparo de solo, por conta das chuvas em março, as primeiras áreas plantadas foram afetadas pelo calor, gerando apodrecimento de sementes e perdas de áreas, chegando a 40% em algumas propriedades. Por conta da falta de semente no mercado, alguns produtores de Vargem Grande do Sul não conseguiram realizar o replantio, o que deve reduzir a produtividade da região nas primeiras áreas colhidas. A queda de produtividade está estimada entre 10% e 20%. Apesar disso, não houve relatos de problemas fitossanitários significativos na praça paulista. Nas áreas de batata destinada à indústria, também houve perda de semente por apodrecimento por conta do calor, fazendo com que produtores replantassem aproximadamente 20% da área.



Hortifruti Visite a HF Brasil na 23ª Hortitec!

Setor Azul - 22 a 24 de Junho - Holambra (SP)

Convites: ☎ 19 3429.8808 | 📞 19 99107.4710



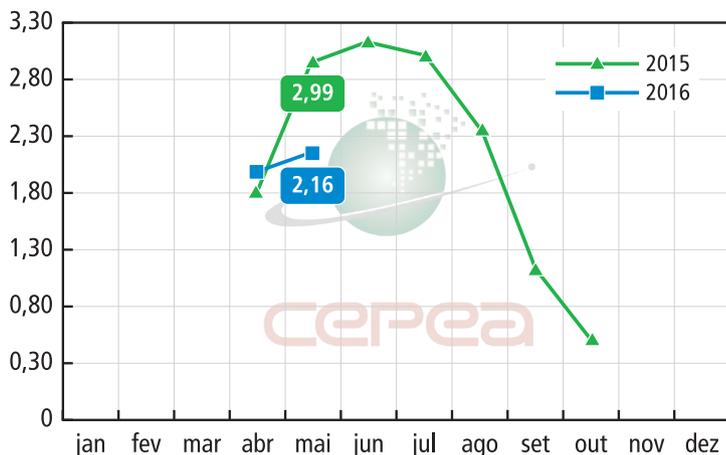
foto: Diego Vandresen - Ituporanga (SC)

Volume de cebola nacional aumenta a partir de junho

Várias regiões estarão colhendo cebola neste mês

Com o início da colheita de cebola no Cerrado Mineiro e a retomada das atividades em Irecê (BA), a oferta nacional será maior em junho. A região baiana continuou a colheita na segunda quinzena de maio, após um intervalo na oferta causado pelas chuvas durante o plantio. A previsão é que os meses de junho e julho tenham grande volume da hortaliça na região. No Vale do São Francisco, a colheita também se intensificará neste mês. O mesmo cenário é visto no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, que começou a ofertar a partir do final de maio. Em Cristalina (GO), as atividades de campo têm início em junho e o volume deverá subir gradualmente em julho e agosto (pico de oferta na região). A produtividade deve ser maior no Cerrado, incrementando a oferta nesta safra. Em São Paulo, a safra de bulbinhos em Divinolândia e Piedade também será colhida neste mês. O volume ainda não deve ser elevado devido a menor área plantada – causada por problemas durante o cultivo e transplântio dos bulbinhos – e pela menor produtividade, em razão ao clima chuvoso durante o desenvolvimento das lavouras. Com a maior oferta do País, a expectativa é que os preços recuem em junho, mantendo bons patamares para o produtor.

Irecê tem boa produtividade no início da safra



Mesmo com início da safra, BA tem preços altos

Preços médios recebidos por produtores de Irecê pela cebola híbrida na roça - R\$/kg

Fonte: Cepepa

Irecê (BA) iniciou a temporada de cebola 2016 com boa produtividade. Nos dois primeiros meses de colheita (abril e maio), a média foi de 84,5 t/ha e os custos de produção 248% acima da média de preços, que foi de R\$ 2,05/kg ao produtor neste período. O clima foi favorável à colheita, sem incidência de chuva e com temperaturas adequadas ao desenvolvimento do bulbo. Já no Vale do São Francisco, em maio, a produtividade ficou abaixo do potencial da região, devido ao problema frequente com tripses. Produtores estão com dificuldades para controlar a forte ocorrência da mosca, que está aparentemente mais resistente aos defensivos utilizados. A média da produtividade no Vale foi estimada em 38,7 t/ha, enquanto os custos ficaram 168% acima dos preços na região, de R\$ 0,76/kg ao produtor. As áreas cultivadas no Cerrado têm apresentado boa produtividade nesta safra, com clima benéfico até o final de maio, o que permitiu um bom desenvolvimento das plantas. Tanto no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba quanto em Cristalina (GO), houve um leve aumento de área, o que deve resultar, junto à boa produtividade, em maior oferta de bulbos dessas regiões nos próximos meses.

Importação deve cair a partir de junho

As importações de cebola devem diminuir a partir deste mês. Segundo dados da Secex, as aquisições somaram 33 mil toneladas em maio, 11% abaixo quando comparadas às de abril. Assim como no ano passado, a maior parte dos bulbos importados no primeiro semestre veio da Europa (54%), devido, principalmente, à menor oferta disponível da Argentina, que normalmente lidera o mercado nesta época, e, também, à forte escassez de oferta no Brasil, que tornou necessária a maior demanda pela cebola importada. Para junho, as importações – tanto da Argentina quanto da Europa – devem cair significativamente, devido ao aumento de oferta no Brasil.





foto: Ricardo Galvagni Brasília - Cristalina (GO)

Aumenta oferta nacional de cenoura em junho

Clima favorece desenvolvimento da raiz em MG

Para o mês de junho, a oferta de cenouras deverá ser maior nas roças de São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba (MG). Isso porque, desde maio, o tempo seco e as temperaturas mais amenas vêm favorecendo o desenvolvimento das lavouras da região mineira. O excesso de chuva durante o plantio e desenvolvimento nos primeiros meses do ano prejudicou a disponibilidade de cenouras até meados de abril. Em maio, já foi possível observar aumento gradual na produtividade. Por conta disso, houve elevação na oferta de cenouras em Minas Gerais, o que resultou em queda de 57,7% nas cotações da raiz no período, em relação ao mês de abril – a raiz fechou o último mês na média de R\$ 19,43/cx “suja” de 29 kg. Em maio deste ano, o preço esteve 45,3% menor que o mesmo mês de 2015. Apesar do melhor desempenho nas lavouras, a falta de chuva já deixa produtores em alerta quanto à prática de irrigação, uma vez que o segundo semestre do ano costuma ser mais seco no Cerrado Mineiro.

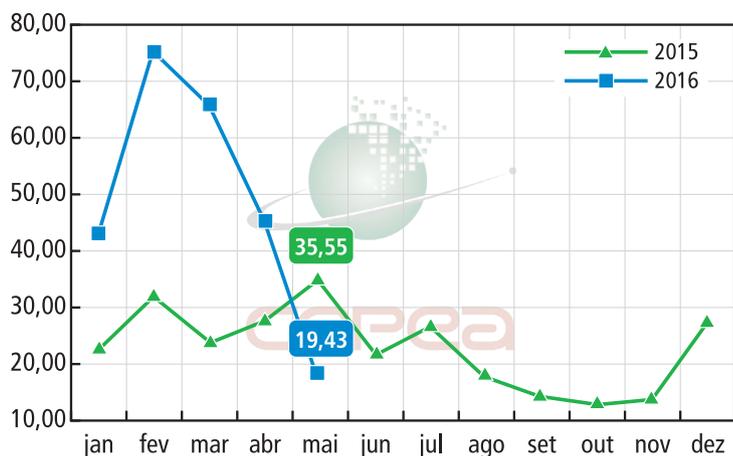
Produtividade no Sul deve aumentar em junho

As roças a serem colhidas no Sul do País deverão apresentar boa produtividade em junho e as raízes devem ser de qualidade elevada. Após um longo período com chuvas acima da média, o tempo mais seco em abril, nas regiões produtoras do Paraná e do Rio Grande do Sul, tem favorecido

o desenvolvimento das raízes. Contudo, o aumento no volume de cenouras poderá pressionar as cotações de cenoura no período. Somado a isso, a perspectiva de bom desempenho nas lavouras concorrentes de Minas Gerais também deverá influenciar em maior oferta no mercado nacional. No Sul, uma boa produtividade é esperada tanto para as lavouras de Marilândia do Sul, Apucarana e Califórnia (PR), quanto para as de Caxias do Sul, Antônio Prado e Vacaria (RS). Em maio, já era possível observar parcialmente essa melhora. Nas roças gaúchas, o rendimento esteve 2,4% maior quando comparado a abril, sendo colhidos 49,9 t/ha. Nas áreas no Paraná, o aumento foi de 16,2%, sendo retiradas 59 toneladas de cenoura por hectare. Como reflexo do aumento no volume ofertado, os preços estiveram menores no mês passado. No Rio Grande do Sul, o valor médio em maio foi de R\$ 24,10/cx “suja” de 29 kg, 49,1% menor em relação ao de abril, enquanto, no Paraná, a cotação foi de R\$ 22,23/cx, queda de 52,8% na mesma comparação.

Bahia retoma ritmo de colheita

Produtores de cenoura de Irecê e João Dourado (BA) também devem aumentar a oferta de cenoura em junho, o que poderá resultar em menores cotações. Muitos produtores que reduziram o ritmo de colheita no mês passado deverão acelerá-las novamente neste mês. A disponibilidade de cenoura esteve abaixo do normal em maio, pois as raízes foram plantadas entre o final de janeiro e começo de fevereiro, quando houve excesso de chuvas na região baiana, atrapalhando as atividades de campo. No entanto, a partir de março, não houve precipitações significativas e as raízes que foram cultivadas têm apresentado melhor desenvolvimento. Mesmo assim, os preços estiveram menores em maio quando comparado ao mês anterior, já que muitos compradores baianos foram buscar cenouras em Minas Gerais, compensando a falta nas roças locais. Na média de maio, a caixa de cenoura “suja” foi cotada a R\$ 21,77, recuo de 53,4% frente ao mês passado.



Preço recua e fica abaixo do de maio/2015

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura “suja” na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepea

Hortifruti Visite a HF Brasil na 23ª Hortitec!

Setor Azul - 22 a 24 de Junho - Holambra (SP)

Convites: ☎ 19 3429.8808 | 📞 19 99107.4710



Alta no custo de produção pressiona rentabilidade

Preço médio da alface ainda cobre custos

A alta no custo de produção neste ano tem pressionando a rentabilidade de produtores de todas as regiões de alface. Na tentativa de “driblar” o aumento nos gastos, agricultores da região de Teresópolis (RJ) tentam diminuir o uso de defensivos, a partir de utilização de boas sementes para a produção de mudas e melhorias no manejo. Já nas roças paulistas de Mogi das Cruzes e Ibiúna, produtores receiam que as chuvas ocorridas entre o final de maio e início de junho aumentem a necessidade do uso de defensivos neste mês, o que elevaria ainda mais os gastos com a produção. Apesar do alto custo de produção, o preço de venda das alfaces ainda tem sido suficiente para cobrir os gastos neste ano. Em maio, na região de Mogi das Cruzes, a caixa com 20 unidades de alface crespa foi comercializada à média de R\$ 10,76. Esse valor, apesar de ser inferior ao de abril, ainda está acima do mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura.

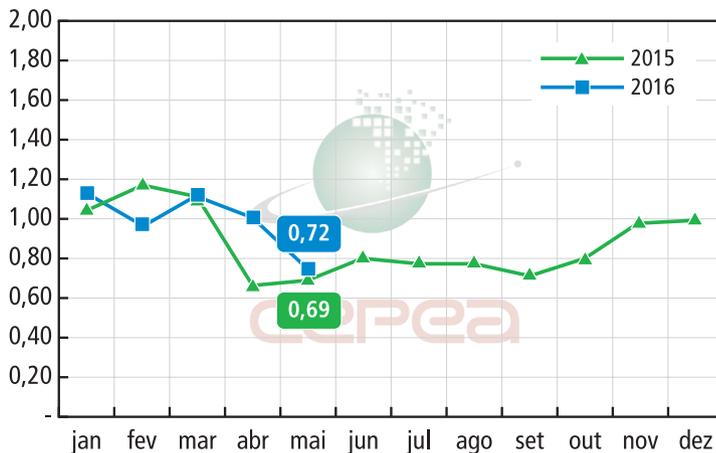
Com transplântio em ritmo lento, cai venda de mudas

A área de alface cultivada na safra de inverno é normalmente menor que a de verão, cenário que está atrelado ao fato de o tempo mais seco favorecer a produtividade, e também ao menor consumo. Assim, viveiristas consultados pelo Hortifruti/Cepea afirmam que, desde abril, a venda de mudas

nas regiões paulistas vem diminuindo gradualmente. Contudo, a quantidade de mudas vendidas em abril e maio deste ano em Mogi das Cruzes e Ibiúna (SP) foi bem menor que a observada nos mesmos meses de 2015. Colaboradores afirmam que o menor investimento neste ano se deve ao mercado instável de folhosas, à alta nos custos de produção e à dificuldade na obtenção de crédito. Viveiristas chegaram a relatar que, em maio, algumas encomendas de mudas foram canceladas, em decorrência da falta de terra para o plantio, por conta do acúmulo de folhosas no campo. Caso a venda de mudas se mantenha em ritmo lento nos próximos meses, o plantio da safra de inverno 2016 nas regiões de Mogi das Cruzes e Ibiúna deve ser inferior ao da safra de inverno de 2015.

Mercado deve continuar enfraquecido em junho

A expectativa é que os preços das folhosas fiquem em alta nas primeiras semanas de junho, podendo recuar na segunda parte do mês. Chuvas de granizo ocorridas entre o final de maio e início deste mês causaram perdas nas roças paulistas, o que deve resultar em menor oferta de folhosas nesta primeira quinzena. Além disso, precipitações volumosas atingiram tanto a produção paulista quanto a fluminense e dificultaram o desenvolvimento da produção, elevando a incidência de doenças. Em maio, atacadistas consultados comentaram que as vendas de alface estiveram enfraquecidas. Ao longo do mês passado, sobravam entre 10% a 30% de folhosas por dia nos boxes. Com a boa qualidade e o clima ameno, atacadistas conseguiram manter as folhosas nos boxes por até dois dias para tentar escoar o produto. Nas últimas semanas do mês, entretanto, as alfaces remanescentes começaram a ser descartadas, causando prejuízos para produtores e comerciantes. Em consequência da alta oferta, os preços recuaram no mês. A alface americana foi comercializada por R\$ 13,11/cx com 18 unidades, queda de 28% em relação à média de abril. A crespa se desvalorizou 30% frente ao mês anterior, com a média a R\$ 12,55/cx com 24 unidades, 28% maior na mesma comparação.



Preço da americana tem nova queda na Ceagesp

Preços médios de venda da alface americana no atacado de São Paulo - R\$/ unidade



Fonte: Cepea



Chicória
LEONA

- Tolerante ao pendoamento precoce
- Miolo bem cheio
- Vigorosa com folhagem pouco recortada

www.AGRISTAR.com.br





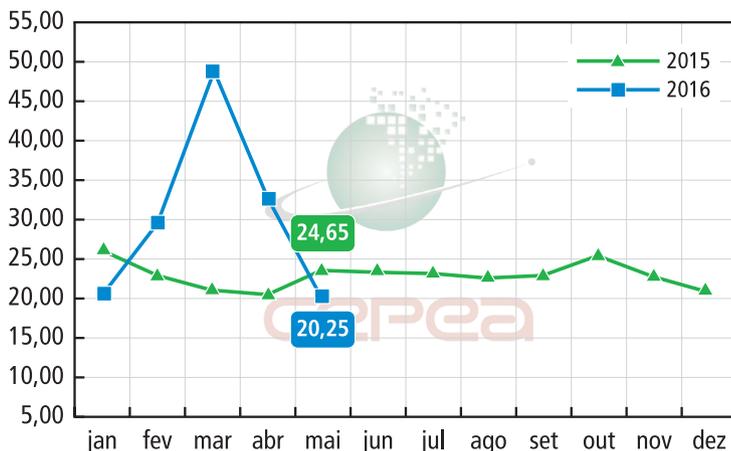
Preços despencam e ficam abaixo dos de maio/15

Maior oferta continua pressionando cotações

O aumento da oferta de melão em maio e junho é decorrente do avanço na colheita da região do Vale do São Francisco (BA/PE), já que o Rio Grande do Norte/Ceará ainda está em entressafra. Com isso, os valores despencaram no mercado interno. Em maio, o melão amarelo tipo 6 e 7 foi comercializado a R\$ 16,65/cx de 13 kg no Vale, 57% menor frente à março, quando foi registrado o maior preço médio mensal de 2016 até então. O valor de maio/16 ficou, ainda, abaixo do de maio/15, tanto no atacado de São Paulo quanto nas regiões produtoras. Nas vendas regionais a granel, os preços também estão pouco remuneradores ao produtor do Vale. A variedade nobre pele de sapo, mais cultivada neste período do ano, esteve em falta na Ceagesp em maio, situação que deve se repetir em junho. Apesar da baixa oferta de pele de sapo, as cotações também vêm reduzindo devido à concorrência com o amarelo.

Volume útil de Sobradinho ainda é baixo

O volume de água no reservatório de Sobradinho (BA), um dos mais importantes da região do Vale do São Francisco (BA/PE), ainda está longe do ideal, mas já é maior do que o observado no início de 2016. As chuvas de janeiro e fevereiro aliviaram um pouco o estado crítico, e em março o volume útil chegou a 32%. No início de junho,



Preço do amarelo continua em queda em maio

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 na Ceagesp - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepepa

contudo, o reservatório já operava com 26% de sua capacidade, de acordo com dados da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf). A atual defluência (saída de água) está em torno de 820 m³/s e o volume que chega é de 440 m³/s, o que mostra um *déficit*. Em longo prazo, o cenário preocupa, pois o tradicional período de chuvas (primeiro semestre) está no fim e somente no início do ano foi registrado um bom volume de precipitações. Se não chover acima da média, este cenário pode, até mesmo, limitar o cultivo do melão no segundo semestre.

Expectativa é positiva para o início das exportações 2016/17

Com o mercado interno pouco atrativo nos últimos meses, produtores do Rio Grande do Norte/Ceará apostam nos negócios internacionais para obter bons resultados na safra 2016/17, que deve ter início em agosto, sem tendência de alta nos preços no Brasil. Além disso, a demanda pela fruta não deve ser muito elevada no início da campanha por causa da recessão econômica, que limita a procura por frutas de alto valor, como o melão, e pelo inverno, quando o consumo da fruta "refrescante" também é menor. Na safra 2015/16, a alta do dólar foi favorável à exportação e o câmbio pode permanecer acima dos R\$ 3,00 durante a nova temporada. Neste cenário, a expectativa é grande para a entrada do segundo semestre de 2016. Apesar disso, mais uma vez, o fator limitante pode ser o clima. Entre abril e maio, período que deveria ser tipicamente chuvoso na região, choveu apenas 50,5 mm em Mossoró (RN), volume 75% abaixo da normal climatológica para o período, que é de 207 mm, segundo a Somar Meteorologia. A falta de chuva dificulta o preparo do solo, além de acarretar em gastos adicionais referentes, principalmente, à irrigação. Quanto à influência dos fenômenos "eno", o *El Niño* vem perdendo força e a *La Niña* deve atuar no Brasil à partir do verão. Com isso, o final da temporada 2016/17 pode ter chuvas acima da média para o Nordeste, mas ainda é cedo para previsões mais concretas.



Hortifruti Visite a HF Brasil na 23ª Hortitec!

Setor Azul - 22 a 24 de Junho - Holambra (SP)

Convites: ☎ 19 3429.8808 | 📞 19 99107.4710



foto: Everaldo Costa Melo - Vacaria (RS)

Macieiras entram em período de dormência

Horas de frio podem ser maiores que a média histórica

Com a finalização da colheita de maçã nas regiões produtoras do Sul do País, os pomares entram em período de dormência e as atenções se voltam para a contagem de horas e Unidades de Frio (UF), que devem seguir durante o inverno. Em Santa Catarina, as horas de frio esperadas para as regiões de São Joaquim e Fraiburgo neste ano já são maiores que a média histórica, segundo os dados da Epagri/Ciram. De 1º de abril a 02 de junho, as horas de frio abaixo de 7,2°C em São Joaquim somaram 320 e em Fraiburgo 162 – para uma brotação uniforme, a macieira deve ter de 500 a 600 horas de frio abaixo de 7,2°C. Até o período, o cálculo das Unidades de Frio pelo modelo Carolina do Norte modificado (1982) também aponta números maiores que a média histórica – apenas em São Joaquim estava abaixo.

Oferta pode aumentar no mercado interno com finalização de exportações

As exportações de maçã, iniciadas em fevereiro, devem praticamente se encerrar em junho – ainda pode haver embarques pouco expressivos em julho. Neste cenário, espera-se um aumento do volume ofertado no mercado interno neste ano, o que pode acabar pressionando as cotações. Apesar disso, os preços da maçã, que começaram o ano em alta, não devem ter uma queda tão expressiva, já que a deman-

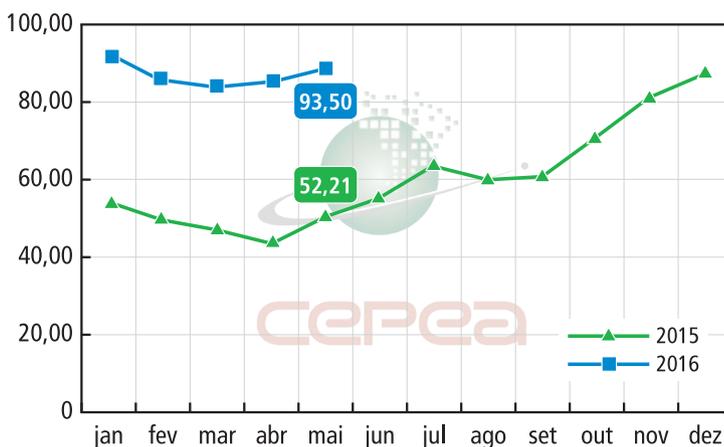
da tem sido boa em relação à oferta da safra. Quanto ao volume exportado, na parcial do ano (janeiro a maio), foi de 29,9 mil toneladas, 38% abaixo do que foi enviado no mesmo período de 2015, segundo a Secex.

Gala abre espaço para fuji

Junho é tipicamente o mês de maior comercialização de fuji no mercado interno. Nos primeiros meses do ano, a comercialização da gala é mais intensa e, com a chegada do segundo semestre, a fuji começa a ganhar mais espaço nos pedidos. Isso porque a gala é a primeira a ser colhida e tem menor durabilidade que a outra variedade. Como a tendência é de aumento da comercialização de fuji nos próximos meses, os preços podem ser impactados. Em maio, algumas câmaras de atmosfera controlada de fuji já foram abertas para dar início a classificação e posterior comercialização.

Concorrentes brasileiros devem exportar mais em 2016

Os maiores concorrentes do Brasil nas exportações para o mercado europeu são Nova Zelândia, África do Sul e Chile. Nesta temporada neozelandesa, a área com maçãs foi de 9,2 mil hectares, 1,3% menor que a anterior, segundo o USDA. Com clima favorável durante a florada e desenvolvimento da fruta, a estimativa é que a temporada 2015/16 da Nova Zelândia feche com 548 mil toneladas. As exportações da Nova Zelândia estão estimadas em 346 mil toneladas, 2% a mais que no ano passado, segundo o USDA. A África do Sul também deve aumentar as exportações da safra 2015/16 em 2% em relação à anterior. Das 473 mil toneladas que deve exportar, 45% são para outros países africanos, 28% para a União Europeia, 21% para Ásia e 6% para o Oriente médio – o país africano exporta 50% da produção. Por fim, de janeiro a abril de 2016, o Chile apresentou um aumento de 10% nas exportações em relação ao mesmo período de 2015. A estimativa, de acordo com dados da USDA, é que a safra 2015/16 some 660 mil toneladas de maçãs exportadas.



Preço sobe novamente em maio

Preço médio de venda da maçã gala Cat 1 (calibres 80 -110) na Ceagesp - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepeca

Hortifruti Visite a HF Brasil na 23ª Hortitec!

Sector Azul - 22 a 24 de Junho - Holambra (SP)

Convites: ☎ 19 3429.8808 | 📞 19 99107.4710



foto: Citros BR

Indústria intensifica moagem diante dos baixos estoques

Processamento de laranja se intensifica em junho

A moagem das laranjas da safra 2016/17, iniciada no começo de maio, deve ser intensificada em junho. No mês passado, quatro unidades das grandes indústrias já vinham processando a fruta, e a previsão é que, agora em junho, nove plantas estejam recebendo a laranja. Segundo colaboradores do Cepea, as variedades precoces devem continuar sendo maioria no volume de processamento deste mês, mas a participação da pera deve aumentar, com mais frutas perto do período ideal de maturação. Os preços pagos no *spot*, por sua vez, estiveram entre R\$ 16,00 e R\$ 20,00/cx de 40,8 kg em maio, tanto para as precoces quanto para a pera – valores considerando-se a fruta colhida e posta na unidade de processamento.

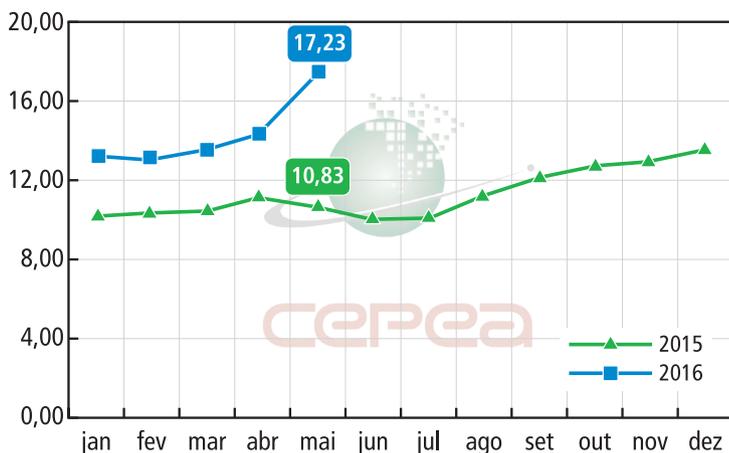
Estoques podem fechar 2016/17 quase que zerados

Com a previsão de baixa produção de laranja no cinturão citrícola de São Paulo e do Triângulo Mineiro (245,74 milhões de caixas, segundo o Fundecitrus), o processamento industrial pode ser limitado, resultando em baixos estoques ao final da safra 2016/17. Cálculos do Cepea indicam que, caso se confirmem os estoques finais de 2015/16 estimados pela CitrusBR (de 332,9 mil toneladas), o rendimento de 260 caixas/tonelada (a média dos últimos 10 anos), o processamento de 200 milhões de caixas (destinando novamente pouco mais de

40 milhões de caixas ao mercado de mesa) e vendas estáveis, os estoques ficariam inferiores a 50 mil toneladas. Neste cenário, é possível que indústrias reduzam o volume de suco exportado na temporada 2016/17. Além disso, muitas podem comprar o suco, ou até mesmo a fruta *in natura*, de outros estados. Agentes especulam, também, que indústrias podem acirrar a disputa por laranjas que seriam destinadas ao mercado de mesa.

Rendimento industrial na safra 2016/17 também pode ser limitado

Pela segunda safra seguida, o rendimento industrial da temporada 2016/17 deve ser baixo, mas ainda melhor que o observado na 2015/16 (o pior da história). Estimativas oficiais ainda não foram divulgadas, mas agentes consultados pelo Cepea comentam que o rendimento deve superar 260 caixas para produção de uma tonelada de suco concentrado. Além do clima, o rendimento médio da safra também pode ser prejudicado pelo fato de muitas indústrias estarem recebendo frutas antes do estágio ideal de maturação. Produtores informaram que praticamente não havia restrição por parte de algumas indústrias, que já vinham moendo laranja pera em pleno mês de maio (enquanto o ideal seria pelo menos um mês depois). Além disso, boa parte das precoces que estava pronta foi comercializada antecipadamente no mercado de mesa. Esse comportamento da indústria está fundamentado na restrição de oferta de fruta na nova temporada.



Preço *spot* é o maior desde 1994

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera e tardias - R\$/cx de 40,8 kg, colhida e posta na indústria

Fonte: Cepea

Preço da tahiti pode cair em junho

As cotações da lima ácida tahiti atingiram patamares recordes em maio, mas podem recuar em junho. Segundo colaboradores do Cepea, há previsão de ligeiro aumento na colheita da fruta devido ao bom volume de chuvas de maio, enquanto a demanda pode se enfraquecer, por conta do clima mais frio. As exportações, por sua vez, podem desacelerar neste mês, já que a lima ácida tahiti do México deve ser comercializada em maiores volumes na Europa – o período é de pico de oferta no país mexicano, forte concorrente do Brasil.

Hortifruti Visite a HF Brasil na 23ª Hortitec!

Setor Azul - 22 a 24 de Junho - Holambra (SP)

Convites: ☎ 19 3429.8808 | 📞 19 99107.4710



Clima desfavorável prejudica produção no Brasil e no Chile

Jales pode iniciar a safra com baixa produtividade

Produtores da região de Jales (SP) se preparam para iniciar a colheita da safra 2016 em julho, com previsão de finalização em novembro. Embora não tenham sido relatados problemas graves com doenças no estágio atual de desenvolvimento das bagas, viticultores já preveem redução na produtividade da temporada. As fortes chuvas de dezembro/15 e janeiro/16 afetaram o desenvolvimento dos parreirais, resultando em menor número de cachos por planta. Este cenário preocupa viticultores, principalmente sobre a rentabilidade da safra. Quanto aos temporais ocorridos entre o fim de maio e o início de junho, felizmente não provocaram danos significativos à produção, o que aumenta a esperança dos viticultores em uma safra positiva. A baixa demanda pela uva, a queda na produção e a alta nos custos ocasionados principalmente pela valorização do dólar são alguns dos fatores negativos à viticultura da região. Além disso, outro fator que vem desanimando os produtores de Jales é a forte desvalorização da fruta, iniciada a partir da segunda quinzena de maio.

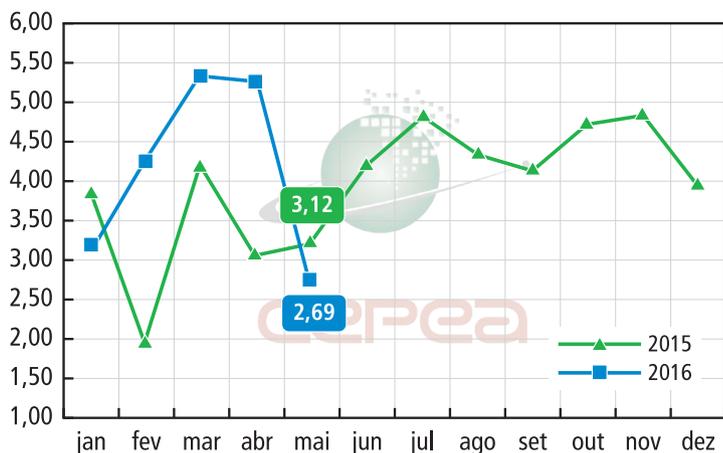
Safra chilena é prejudicada pelo clima

Problemas climáticos também afetaram a produção de uva do Chile na safra 2015/16 e podem gerar queda de 12,5% nas exportações da tempo-

rada, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Como o Chile tem sido o principal exportador de uvas ao Brasil, o abastecimento do País pode ficar comprometido nos próximos meses em função da menor safra chilena. As baixas temperaturas durante a primavera chilena atrapalharam a floração dos parreirais. Em seguida, temperaturas elevadas durante o verão e as fortes chuvas no início de abril, elevaram a incidência de doenças fúngicas, o que prejudicou a qualidade da fruta destinada à exportação. No entanto, isso pode favorecer a comercialização da uva brasileira sem semente, cuja colheita já foi iniciada no Vale do São Francisco (PE/BA) em maio. O volume de uva exportado pelo Chile na parcial desta temporada (outubro/15 – março/16) foi pouco mais de 335,3 mil toneladas, representando queda de 24% frente ao mesmo período da safra 2014/15. Mesmo com a valorização do dólar e o crescimento das exportações do Chile aos EUA, o valor dos envios chilenos reduziu em 36% na mesma comparação, conforme o USDA.

RS processa mais uva em 2015, mas pode voltar a cair em 2016

Cresceu o volume de uvas processadas pelas indústrias do Rio Grande do Sul (RS) em 2015 frente a 2014, segundo dados do Instituto Brasileiro do Vinho (Ibravin) divulgados em abril/2016. Porém, problemas climáticos interferiram fortemente na produção da safra 2016 e o volume possivelmente volte a cair neste ano. Isso porque as chuvas e geadas ocorridas no segundo semestre de 2015 podem gerar queda de 65% na produtividade desta temporada, segundo a Emater. Se os dados se confirmarem, a quantidade de uva processada em 2016 será impactada negativamente, afetando a indústria viticultora do estado. Em 2015, o processamento da fruta tipo vinífera foi finalizado em 70,4 mil toneladas, enquanto da comum (destinadas à produção de sucos e outras bebidas de uva) em 632,5 mil toneladas, altas de 6,7% e de 17,1%, respectivamente, frente aos valores de 2014.



Preço despensa para o menor patamar do ano

Preços médios recebidos por produtores pela uva niagara - R\$/kg

Fonte: Cepea

Hortifruti Visite a HF Brasil na 23ª Hortitec!

Setor Azul - 22 a 24 de Junho - Holambra (SP)

Convites: ☎ 19 3429.8808 | 📞 19 99107.4710



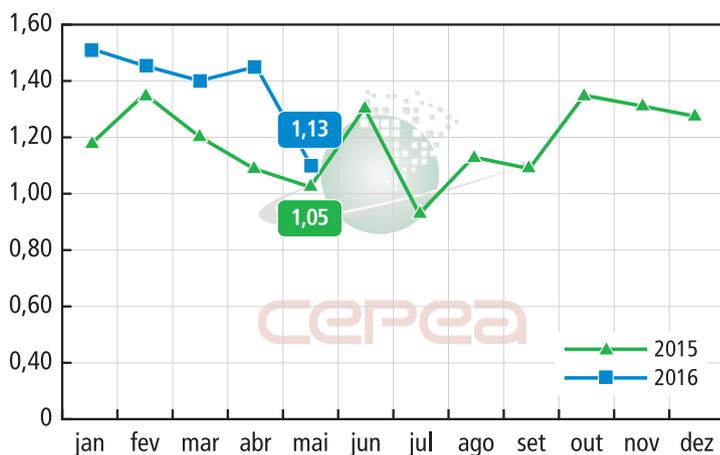
foto: Fresh Plaza

SP, RN e TO iniciam as atividades da safra 2016

Semeadura em SP se intensifica e área pode aumentar

A semeadura de melancia da safra principal 2016/17 do estado de São Paulo teve início em maio, mas deve ser intensificada em junho nas regiões de Marília (Oscar Bressane) e Itápolis, seguidas por Presidente Prudente. As atividades seguem até setembro, quando paralelamente está prevista a colheita das primeiras frutas em Oscar Bressane. Para esta temporada, produtores consultados pelo Hortifruti/Cepea estão entusiasmados, devido aos altos preços praticados na safrinha deste ano (de março a maio) e à expectativa de mercado mais aquecido no final de 2016. Mais capitalizada, a maior parte dos produtores conseguiu quitar as contas remanescentes da safra principal 2015/16. Neste cenário, a expectativa inicial é de que a área cultivada nesta temporada seja aproximadamente 17% maior que a da safra principal 2015/16. A safrinha, que foi finalizada no início de maio na região de Oscar Bressane e no final do mês em Itápolis e em Presidente Prudente, registrou maior produtividade e preços elevados. Os valores recebidos pela venda da fruta entre março e maio estiveram 176% superiores ao mínimo estimado pelos melancultores para cobrir os gastos com a cultura (de R\$ 0,30/kg) e 66% acima do verificado no mesmo período de 2015.

RN/CE inicia plantio e TO intensifica as atividades



O plantio de melancia da temporada 2016 no Rio Grande do Norte/Ceará tem início nas primeiras semanas de junho. O foco da produção nos dois estados é a melancia sem semente, tendo como principal destino o mercado externo. Atualmente, produtores desses estados estão animados, visto que os envios e a receita recebida na temporada 2015/16 foram satisfatórios, com queda nas cotações apenas no final da safra. Além disso, caso o fenômeno climático *La Niña* se concretize, deve haver aumento no volume de chuvas no Nordeste e, conseqüentemente, dos níveis dos reservatórios da região. Com expectativas positivas, a intenção inicial de produtores potiguares e cearenses é de realizar a manutenção da área cultivada em 2015. Já em Lagoa da Confusão e Formoso do Araguaia (TO) a semeadora deve se intensificar no mês de junho e finalizar até meados de julho. Com a falta de chuvas dos últimos meses, a área de cultivo deste ano deve reduzir cerca de 25% na Lagoa e praticamente se manter em Formoso. Quanto à colheita, algumas frutas precoces já estão sendo vendidas em junho, mas sua comercialização ainda está restrita ao mercado local. Um maior volume da fruta deve chegar à Ceagesp apenas no mês de julho.

Colheita ganha ritmo em GO

A colheita de melancia na região de Uruana (GO) deve ser intensificada em junho. O cenário é positivo para os melancultores locais, já que a região deve abastecer praticamente sozinha o mercado nacional até julho, quando está previsto o início da colheita em Tocantins. Além disso, se comparado ao ano de 2015, um menor número de produtores deve colher no correr de junho, visto que houve escalonamento do plantio. A safra 2016 iniciou em maio, cerca de 15 dias antes do previsto, devido às altas temperaturas na região, que aceleraram a maturação. Já a partir da segunda quinzena do mês, as frutas começaram a ser enviadas para a capital paulista. Outro fator que impulsionou as vendas no período foi a valorização da fruta no mercado nacional. O preço médio de venda da melancia graúda (>12 kg) na região em maio foi de R\$ 0,62/kg, 5% superior ao registrado mesmo período de 2015.

Preços recuam e voltam aos patamares de 2015

Preços médios de venda da melancia graúda (>12 kg) na Ceagesp - R\$/kg

Fonte: Cepea

Hortifruti Visite a HF Brasil na 23ª Hortitec!

Setor Azul - 22 a 24 de Junho - Holambra (SP)

Convites: ☎ 19 3429.8808 | 📞 19 99107.4710



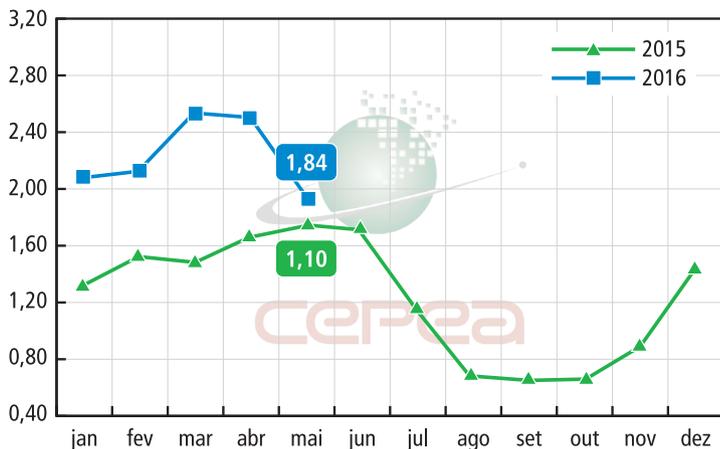
Depois de meses em alta, cotações de prata recuam

Oferta de prata aumenta em todas as regiões

O mês de junho deve registrar maior oferta de banana prata anã em todas as regiões produtoras. Com isso, os preços da fruta podem recuar, após terem atingido patamares recordes nos últimos meses. Para a prata, o volume disponível já começou a aumentar no final de maio. Assim, a cotação média no Norte de Minas Gerais em maio foi 26% menor frente à de abril. Segundo produtores, esse cenário de maior oferta é comum para a época do ano, mas ainda há preocupação com a demanda da variedade, que está mais retraída por conta da concorrência com a nanica, que tem preços mais baixos no mercado. Em contrapartida, a qualidade da banana prata deve seguir melhorando em todas as regiões. No Vale do Ribeira (SP) e no Norte de Santa Catarina, onde se cultiva a prata litoral, também deve haver queda nas cotações por conta da concorrência com a prata anã, mesmo com volume ainda escasso.

Frio reduz vendas de frutas na Ceagesp

O frio deve se intensificar em junho e a expectativa de atacadistas é de que as vendas de banana sejam lentas. Em maio, a temperatura começou a cair na capital paulista, cenário que já limitou a comercialização da fruta na Ceagesp. A substituição da banana por outras frutas da época na merenda escolar, como a tangerina poncã, também reduz o ritmo de vendas.



Preço da prata despensa com aumento da oferta

Preços médios recebidos por produtores do norte de Minas Gerais pela prata-anã - R\$/kg

Fonte: Cepea

Exportações ao Mercosul e à UE avançam

A exportação de banana segue aquecida em 2016. O Brasil tem enviado mais fruta ao Mercosul e à União Europeia (UE). De janeiro a maio, o bloco sul-americano comprou 28,3 mil toneladas, 14% a mais que no mesmo período de 2015. A UE adquiriu 13 mil toneladas de banana, 32% acima na mesma comparação, segundo dados da Secex. Os envios ao Mercosul, apesar de promissores, preocupam bananicultores de Santa Catarina. A concorrência com outros países tem sido acirrada, sobretudo com o Paraguai, que tem enviado mais fruta para Argentina e Uruguai. No primeiro trimestre do ano, a Argentina comprou 129% mais banana paraguaia e 1% menos da brasileira segundo dados do órgão argentino Senasa. Nas vendas à UE, a concorrência mais forte fica por conta do Equador, maior exportador mundial da fruta. Neste ano, porém, a produção daquele país está menor e os custos, mais elevados. Assim, houve espaço para envios do Brasil. Além disso, com o Real desvalorizado, os preços da banana (FOB, em dólar) destinada à UE estão, na média de janeiro a maio, 11% menores que no mesmo período de 2015, conforme a Secex.

Clima frio em SP e SC reduz produção

O clima mais frio em maio nas regiões produtoras de banana do Sul e Sudeste do País resultou em menor oferta. Com o início do inverno em junho, produtores do Vale do Ribeira (SP) e do Norte de Santa Catarina esperam que o volume ofertado siga baixo. Para 2016, o frio deve ser mais rigoroso e, assim, bananicultores devem ficar atentos à possibilidade de ocorrência de *chilling* (escurecimento da casca da fruta). Em 2015, o frio foi menos rigoroso e mais úmido, cenário que limitou a ocorrência do *chilling*. A expectativa é que a disponibilidade de frutas no Vale do Ribeira e no norte catarinense volte a aumentar apenas entre agosto e setembro.

Hortifruti Visite a HF Brasil na 23ª Hortitec!

Setor Azul - 22 a 24 de Junho - Holambra (SP)

Convites: ☎ 19 3429.8808 | 📞 19 99107.4710

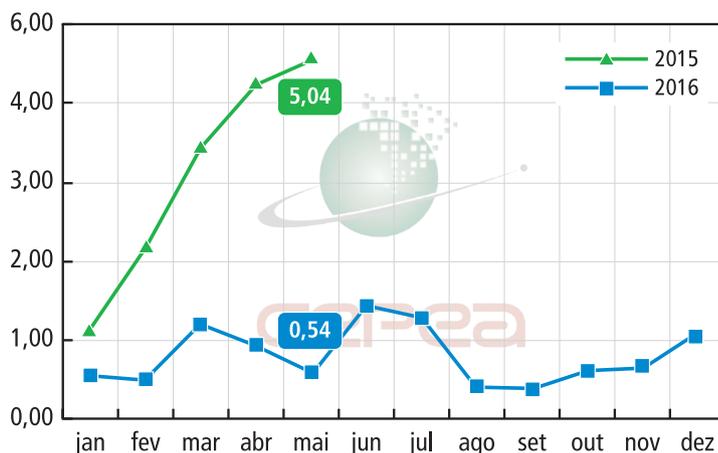


Exportações são limitadas com ausência de irrigação

Falta mamão brasileiro nos Estados Unidos e na Europa

As exportações de mamão brasileiro neste primeiro semestre de 2016 preocupam varejistas da Europa e dos Estados Unidos. Segundo agentes consultados pelo Hortifruti/Cepea, a produção tem sido pequena e boa parte da fruta colhida está fora do padrão para a exportação (calibre indesejável), por causa, sobretudo, da falta de água para irrigação. A estiagem nas regiões produtoras e exportadoras de mamão está impactando na oferta, não apenas no Brasil, mas também mundialmente. Segundo notícia veiculada no *Fresh Plaza*, na Europa e nos Estados Unidos, os preços da fruta estão subindo devido à menor quantidade. De janeiro a maio/16, o Brasil enviou 16 mil toneladas de mamão para o exterior, 2% a menos do que nos mesmos meses do ano passado, segundo a Secex. A receita adquirida no período foi de US\$ 18,6 milhões, estável na mesma comparação. Porém, com a média do dólar a R\$ 3,75 na parcial do ano, a receita em Reais foi de R\$ 69,8 milhões, alta de 27%. Como a oferta nacional ainda está baixa e não há previsão de chuvas significativas, o cenário de exportações deve seguir em queda. Além disso, as temperaturas já começaram a cair nas regiões produtoras, o que desacelera a maturação e limita, ainda mais, a oferta.

Boa qualidade garante preços elevados no RN



Baixa oferta impulsiona as cotações em maio

Preços médios recebidos por produtores do Espírito Santo pelo mamão havaí, em R\$/kg

Fonte: Cepea

O mamão vem se valorizando no Rio Grande do Norte nos últimos meses, já que a procura tem sido aquecida diante da oferta da região. Segundo produtores, a qualidade da fruta potiguar está muito satisfatória, sendo que a maior parte da produção é de primeira qualidade. Com isso, a demanda pelo mamão do RN cresceu no Sudeste, aumentando a concorrência com outras regiões produtoras. Assim, o preço de venda em maio atingiu recorde nominal histórico na série do Cepea (que iniciou em 2007) para a praça. Em maio, o havaí de primeira foi vendido a R\$ 2,75/kg. Apesar do recorde, o preço ainda está menor que nas demais regiões produtoras da fruta.

Crise hídrica causa proibição da irrigação no ES

A crise hídrica segue preocupante no Espírito Santo. As últimas chuvas significativas foram em janeiro deste ano e o acumulado pluviométrico, entre fevereiro e maio, foi de apenas 90,5 mm em Linhares, 73% abaixo do normal, segundo a Somar Meteorologia. Com a situação alarmante, foram feitas vistorias nas propriedades da cidade de Rio Bananal, no estado capixaba, e a irrigação de lavouras foi proibida, por tempo indeterminado, na região. As visitas foram realizadas pela Polícia Militar Ambiental, pela Agência Estadual de Recursos Hídricos (Agerh) e pelo Serviço Autônomo de Água e Esgoto (Saae), que lacraram bombas de irrigação. Além disso, nas demais regiões do estado, a irrigação é limitada apenas durante a noite e proibida quando a captação é feita em rios que abastecem as cidades. Portanto, muitos produtores não estão conseguindo irrigar suas plantações, o que tem comprometido a produção e a qualidade. Além disso, com as altas temperaturas até o início de maio, houve muito abortamento de flor e aumento de frutas com carpeloidia (deformação), que não são destinadas ao mercado. Neste cenário, a oferta da fruta capixaba está extremamente baixa e os preços seguem elevados.



Hortifruti Visite a HF Brasil na 23ª Hortitec!

Setor Azul - 22 a 24 de Junho - Holambra (SP)

Convites: ☎ 19 3429.8808 | 📞 19 99107.4710



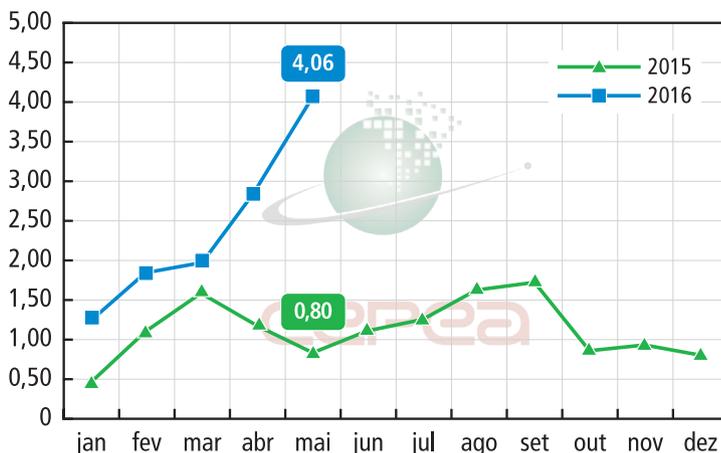
foto: Moacir Brito - Jaíba (MG)

Livramento intensifica colheita no fim do mês

O final de junho deverá ser de colheita intensa na região de Livramento de Nossa Senhora (BA). A previsão é de que a safra 2016 tenha ritmo forte principalmente entre julho e agosto, se estendendo até novembro/dezembro deste ano. A temporada, iniciada em meados de maio para alguns produtores, apresenta baixa produtividade. A principal razão para a produção inferior é a falta de água na região, uma vez que as chuvas do início do ano não foram suficientes para regularizar o nível dos reservatórios que permitem a irrigação dos pomares. Esse fator e as altas temperaturas de janeiro (época de florada das variedades *tommy* e *palmer*), resultaram em baixa fixação e enchimento de frutos. Com previsão de que o rendimento dos pomares de Livramento seja inferior ao potencial, espera-se que as cotações não apresentem queda significativa em junho e julho. A colheita antecipada de alguns talhões em maio foi realizada para aproveitar o período de bons preços, uma vez que a oferta nacional estava bastante restrita até o mês passado. Atacadistas da Ceagesp consultados pela Hortifruti/Cepea confirmam que em maio a fruta chegou em pequenos volumes, mas com qualidade elevada.

Safra mineira entra forte no mercado

Após um longo período de exclusividade do



Vale do São Francisco em abastecer o mercado brasileiro de manga, a colheita da fruta em Jaíba/Janaúba (MG) já está em ritmo acelerado. No início da safra, em maio, algumas mangas foram colhidas ainda verdes, quando os produtores tentaram aproveitar os bons preços. Sendo assim, uma parte da produção que seria negociada em junho já foi comercializada. No entanto, ainda há volume significativo para aumentar a oferta de manga no País e interromper a alta nos preços. Até o momento, uma parte das frutas do Norte de MG está com a qualidade comprometida devido às chuvas de janeiro, o que dificulta as exportações. Outro fator que prejudicou a qualidade foi o aparecimento de tripes nos pomares de MG, praga que elevou o número de pulverizações e já tem impactado no custo de produção regional. No entanto, agentes mineiros confirmam que a produtividade deve aumentar nos próximos meses e a concorrência com a manga do Vale será acirrada, sobretudo no mercado interno. A temporada na região deve se encerrar entre outubro e novembro, momento em que a colheita em São Paulo tende a ganhar ritmo.

Valorização no mercado interno reduz envios ao exterior

Até maio, as exportações de manga foram inferiores às expectativas para este ano. De janeiro a maio/16, o volume da fruta exportada foi de 28,3 mil toneladas, valor 20% menor que no mesmo período de 2015, de acordo com a Secex. Em receita, o valor acumulado foi de US\$ 37,40 milhões, queda de 13% na mesma comparação. Apesar do câmbio elevado durante a maior parte do período, a principal razão para a diminuição nos envios foi a forte valorização da manga no mercado nacional. Assim, uma parcela significativa da fruta produzida no Vale do São Francisco foi negociada no mercado brasileiro. A perspectiva é de que as exportações se intensifiquem somente no segundo semestre, quando haverá maior número de regiões brasileiras produzindo e maior abertura de países à fruta nacional, como os Estados Unidos.



Preço da *tommy* sobe 43% em maio

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins* - R\$/kg

Fonte: Cepea

Hortifruti Visite a HF Brasil na 23ª Hortitec!

Setor Azul - 22 a 24 de Junho - Holambra (SP)

Convites: ☎ 19 3429.8808 | 📧 19 99107.4710



ENTREVISTA: Vanderlei Cesconetti

“SÓ SOBREVIVERÁ O TOMATICULTOR QUE GERENCIAR MELHOR SEU EMPREENDIMENTO”

Vanderlei Cesconetti é empresário do Grupo Agroplantec na região de Venda Nova do Emigrante (ES), que atua no ramo de insumos, na venda de sementes e na produção de mudas de tomates.

Hortifruti Brasil: Em nosso estudo de custos de produção de tomate, houve um bom aumento em Mogi Guaçu e em Caçador. Como foi o comportamento dos custos na região de Venda Nova do Emigrante (ES)?

Vanderlei Cesconetti: Em nossa propriedade, a alta dos custos também foi elevada, especialmente a partir do segundo trimestre de 2015, quando os preços dos defensivos e fertilizantes passaram a subir com força. O terreno é montanhoso, o que eleva os gastos com operações mecânicas e mais horas-máquinas são necessárias para efetuar as operações.

HF Brasil: Com os custos em ascensão, produtores capixabas têm alterado a forma de gerir a propriedade?

Cesconetti: Há um maior controle dos seus fatores de produção. Produtores estão procurando racionalizar mais o uso dos insumos, melhorar o manejo, objetivando melhorar a produtividade com custos mais enxutos. Quem não opta por essas estratégias está perdendo competitividade, reduzindo área ou saindo da atividade. Em geral, produtores com menor escala apresentam maior deficiência na gestão, mas não são todos. Conheço produtores de pequena escala que têm gestão tão eficiente quanto os grandes.

HF Brasil: A falta de crédito impactou na gestão das propriedades?

Cesconetti: Sem dúvida. O crédito desde o ano passado se tornou mais escasso e caro, tanto nos empréstimos bancários quanto nas compras a prazo nas revendas. Em nossa região, o mais comum era o produtor financiar a maior parte do custeio com crédito bancário. Com a maior restrição das instituições financeiras, o produtor passou a não ter o capital de giro que tinha antes. Assim, mesmo com uma boa rentabilidade proporcionada pelo tomate, o produtor passou a ter dificuldade no fluxo de caixa. Antes de 2015, de 50% a 70% das compras eram a prazo e, atualmente, de 70% e 90% das compras são realizadas a prazo. Além disso, produtores estão preferindo os defensivos genéricos e optando por fertilizantes de marcas ou composições e formulações mais baratas.

HF Brasil: O aumento do desemprego no País impactou de alguma forma a disponibilidade de mão de obra no campo?

Cesconetti: Está mais fácil contratar atualmente do que há três anos para trabalhar no campo. Com o aumento do desemprego, muitas pessoas que tinham saído do campo para trabalhar nas cidades estão querendo voltar. Assim, hoje tem mais oferta de mão de obra e, com isso, conseguimos selecionar melhor os funcionários. No entanto, os custos com mão de obra ainda seguem em alta, devido ao aumento contínuo do salário mínimo, mas em uma proporção bem menor do que aconteceu, por exemplo, com os insumos.

HF Brasil: Qual é a previsão dos custos daqui para frente?

Cesconetti: É possível observar o recuo dos preços de alguns insumos, mas ainda de forma bastante lenta. O fertilizante é o insumo que mais se desvalorizou recentemente, acredito que não apenas pelo enfraquecimento do dólar, mas pela necessidade de as empresas de fertilizantes em vender o produto. Mesmo assim, a redução de preços só se consegue com uma difícil negociação junto às empresas produtoras de fertilizantes. Já para os combustíveis, embora realmente seja observada queda, o recuo ainda foi pequeno. A tarifa de energia elétrica cai desde abril, o que ainda não reflete de forma significativa nos custos totais. Acredito que, para o decorrer deste ano e em 2017 os custos deverão ficar estáveis ou em ligeira alta, dependendo do desempenho da economia.

HF Brasil: Qual é o segredo para se manter viável na cultura?

Cesconetti: Só sobreviverá o tomaticultor que gerenciar melhor seu empreendimento, não apenas produzindo bem e buscando o uso racional dos insumos para obter uma maior produtividade e um menor custo. Outro ponto importante é ter uma reserva financeira para gerenciar o seu fluxo de caixa. Em anos anteriores, quando houve boa rentabilidade na tomaticultura, muitos optaram por utilizar o lucro que tiveram gastando com caminhonetes novas, por exemplo, quando deveriam ter reservado esse dinheiro para ter caixa para investir na cultura. ■



**Existem coisas
que ficam muito
melhores juntas.**

Bayfolan
COBRE

Chegou a inovação
que faltava para sua lavoura.

Bayfolan Cobre traz para sua lavoura os benefícios da sinergia dos aminoácidos e cobre em um único produto. Melhor eficácia nutritiva e absorção de nutrientes, deixando as plantas mais saudáveis para o máximo de resultados.

Bayfolan Cobre.
Plantas fortes e saudáveis.



Portfólio HF

Carregado de soluções para múltiplas culturas em hortifrúti.



☎ 0800 0192 500

📘 facebook.com/BASF_AgroBrasil

www.agro.basf.com.br

Aplique somente às doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Incluir outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Restrições no Estado do Paraná: Tutor® para o alvo *Phytophthora infestans* no tomate, Cabrio® Top para alho. Registro MAPA: Cabrio® Top nº 01303, Dormex® nº 1095, Collis® nº 01804, Forum® nº 01395, Pirate® nº 05898, Nomolt® 150 nº 01393, Regent® Duo nº 12411, Heat® nº 01013, Cantus® nº 07503, Fastac® 100 nº 2793, Herbadox® 400 EC nº 15907, Orkestra™SC nº 08813 e Tutor® nº 02908.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMO.



Produtos que contribuem para aumentar a qualidade e produtividade da sua lavoura.

Fungicidas	Orkestra™SC*	Inseticidas	Pirate®
	Cabrio® Top*		Regent® Duo
	Cantus®*		Nomolt® 150
	Forum®		Fastac® 100
	Collis®		
	Tutor®		
Herbicidas	Heat®	Regulador de Crescimento	Dormex®
	Herbadox® 400 EC		

*Mais qualidade, produtividade e rentabilidade - Benefícios AgCelence®.

BASF
We create chemistry